



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Mariana Pêgas Costa

Experiências em projetos artístico-culturais na saúde mental:

loucura, vida, liberdade e cidadania

Rio de Janeiro

2024

Mariana Pêgas Costa

**Experiências em projetos artístico-culturais na saúde mental:
loucura, vida, liberdade e cidadania**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denise Espírito Santo da Silva

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C838	Costa, Mariana Pêgas. Experiências em projetos artístico-culturais na saúde mental: loucura, vida, liberdade e cidadania / Mariana Pêgas Costa. – 2024. 83 f.: il. Orientadora: Denise Espírito Santo da Silva. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes. 1. Arte e doença mental - Teses. 2. Arteterapia - Teses. 3. Doenças mentais – Teses. 4. Liberdade – Teses. I. Espírito Santo, Denise. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título. CDU 7:159.972
------	--

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mariana Pêgas Costa

**Experiências em projetos artístico-culturais na saúde mental:
loucura, vida, liberdade e cidadania**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 10 de maio de 2024.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Denise Espírito Santo da Silva (Orientadora)
Instituto de Artes - UERJ

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho
Instituto de Artes - UERJ

Prof. Dr. Walter Melo Júnior
Universidade Federal de São João del-Rei

Rio de Janeiro
2024

DEDICATÓRIA

À todas as pessoas que foram, em algum momento, estigmatizadas e chamadas de loucas pelas pessoas ditas normais.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Sandra e à minha irmã Juliana, por todo incentivo, acolhimento e trocas durante a realização dos meus projetos e da escrita desta dissertação e em tantos outros momentos da vida.

Ao meu sobrinho Cauã por me reensinar a guardar meus olhos na caixa de brinquedos ao invés de na caixa de ferramentas.

Ao “papai Tony” (*in memoriam*), pessoa que unia arte e vida, ficção e realidade, que me ensinou a importância da luta pela liberdade e que uma crise pode ser um momento de renascimento e, ainda, que viver é sempre tentar outra vez, persistir.

À “tia Nara” (*in memoriam*), pessoa que me apresentou à fotografia.

Ao querido Fabrício Arriaga, pelo apoio incondicional em todos os momentos e acolhimento durante minhas crises.

Aos meus amigos Leonardo Glória e Cintia Ferreira, por toda escuta e troca durante o processo de escrita.

À professora e amiga Denise Espírito Santo, querida orientadora, pela ajuda fundamental na organização deste trabalho.

Aos professores Aldo Victório e Walter Melo Júnior, que, gentilmente, aceitaram fazer parte da banca de avaliação deste trabalho.

À Sociedade Fluminense de Fotografia, local onde encontrei acolhimento e afeto e que se tornou minha segunda casa, desde 2011, em especial os amigos que fiz por lá e o meu padrinho e amigo Antonio Machado, presidente da instituição.

Ao meu querido mestre Amir Haddad, querida Maria Helena e queridos amigos do Grupo “Tá na Rua”, pelo acolhimento caloroso e pelos valiosos ensinamentos que tenho recebido.

Aos demais membros das equipes dos projetos: Construção de Memórias (Antonio Machado e o curador Antonio Paiva), Casa Ateliê UERJ (Denise Espírito Santo, Gabriel Saar, Cintia Ferreira, Paula Sophia, Igor Dyssenk e Douglas Amorim) e Ateliê das Possibilidades (Ana Paula Rangel e Sandra Pêgas).

Por fim, às pessoas mais importantes para essa pesquisa, os participantes dos projetos: Construção de Memórias, Casa Ateliê UERJ e Ateliê das Possibilidades.

Ser artista é uma possibilidade que todo ser humano tem.

Manifesto Tá na Rua

RESUMO

COSTA, Mariana Pêgas. *Experiências em projetos artístico-culturais na saúde mental: loucura, vida, liberdade e cidadania*. 2024. 83 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta pesquisa discute a relevância dos projetos de arte-cultura na saúde mental, como instrumento potencializador de subjetividades, autonomia e liberdade, com consequente auxílio na reinserção social e na reconquista da cidade por pessoas que passam ou passaram por tratamentos psiquiátricos. Lança um olhar sobre a arte para além do seu inegável potencial terapêutico e de entretenimento, no sentido de entender a arte-cultura como forma de expressão e estratégia de produção de vida, de subjetividades e de novos lugares sociais, a partir da análise das experiências obtidas por meio da convivência com os usuários dos serviços de saúde mental de Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do Sistema Único de Saúde (SUS) que participaram dos projetos de arte-cultura e saúde onde desenvolvo atividades, sejam eles o “Projeto Construção de Memórias”, o “Casa Ateliê UERJ”, e o “Ateliê das Possibilidades”.

Palavras-chave: arte; loucura; vida; liberdade; cidadania.

ABSTRACT

COSTA, Mariana Pêgas. *Experiences in artistic-cultural projects in mental health: madness, life, freedom and citizenship*. 2024. 83 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This research discusses the relevance of art-culture projects in mental health, as an instrument that enhances subjectivities, autonomy and freedom, with consequent assistance in social reintegration and the reconquest of the city for people who undergo or have undergone psychiatric treatments. It takes a look at art beyond its undeniable therapeutic and entertainment potential, in order to understand art-culture as a form of expression and strategy for producing life, subjectivities and new social places, based on the analysis of experiences obtained through coexistence with users of the mental health services of the Psychosocial Care Network (RAPS) of the Unified Health System (SUS) who participated in the art-culture and health projects where I develop activities, be they the “Projeto Construção de Memórias”, “Casa Ateliê UERJ,” and “Ateliê das Possibilidades”.

Keywords: art; madness; life; freedom; citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 LOUCURA	12
2 ARTE-CULTURA	27
2.1 Construção de Memórias	29
2.2 Casa Ateliê UERJ	57
2.3 Ateliê das Possibilidades	63
2.4 Sobre estratégias de lidar com minha própria dor	69
3 LIBERDADE	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado nesta dissertação buscou ampliar as pesquisas iniciadas na graduação sobre projetos de arte-cultura como instrumentos potencializadores de subjetividades, autonomia e liberdade, contribuindo para a reinserção social e para a reconquista da cidade por pessoas que estão ou estiveram em tratamentos psiquiátricos. Nosso objetivo foi lançar um olhar sobre a arte para além do seu inegável potencial terapêutico e de entretenimento, no sentido de entender a arte-cultura como forma de expressão e estratégia de produção de vida, de subjetividades e de novos lugares sociais e que esse debate possa alcançar um público mais amplo do que apenas os profissionais da saúde, estendendo-se para toda a sociedade.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi uma revisão bibliográfica sobre o tema arte e loucura, incluindo textos médicos, jurídicos e de educação, passando por um breve percurso histórico da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica no Brasil, com a implementação de serviços substitutivos ao isolamento e o funcionamento desses serviços nos municípios de Niterói e do Rio de Janeiro entre os anos de 2019 e 2024. O texto foi construído a partir de trechos dos meus diários pessoais e dos relatos obtidos das trocas que tive com pessoas que estão ou estiveram em internações ou em tratamentos psiquiátricos na rede pública de saúde. A elaboração do texto contou com as experiências vivenciadas junto aos usuários dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do Sistema Único de Saúde (SUS), que participaram dos projetos de arte-cultura e saúde mental nos quais desenvolvo atividades, como o Projeto Construção de Memórias, o Casa Ateliê UERJ e o Ateliê das Possibilidades. As anotações foram organizadas em três pilares de pensamento: loucura, arte-cultura e liberdade, na tentativa de materializar minhas inquietações, reflexões e sentimentos no tocante ao tema. Além de conferir protagonismo às falas das pessoas chamadas de loucas pela sociedade dita normal.

No primeiro capítulo, intitulado “Loucura”, faremos um breve panorama sobre a história da loucura, com ênfase nas questões de gênero, a partir da iconografia fotográfica do hospital Salpêtrière, na França do século XIX, momento em que o médico psiquiatra Charcot utilizou a fotografia como uma ferramenta objetiva para documentar os sintomas da histeria, uma nova doença feminina que se queria provar,

mas acabou criando uma imagem estereotipada e caricatural das pacientes, que retrata como mulheres incapazes e emocionalmente instáveis. Avançando no tempo, abordaremos o chamado “Holocausto Brasileiro” ocorrido no Hospital Psiquiátrico de Barbacena, MG, no século XX, onde a maioria dos pacientes sequer tinha diagnóstico de doença mental, sendo muitas dessas pessoas mulheres que o sistema patriarcal buscava silenciar. Concluiremos o capítulo comentando a Reforma Psiquiátrica Brasileira e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que promoveram a desinstitucionalização e o desenvolvimento de serviços de saúde mental substitutivos ao isolamento. Todo o conteúdo será acompanhado de relatos e reflexões pessoais.

No segundo capítulo, intitulado “Arte-cultura”, abordaremos as atividades e os resultados dos projetos de arte-cultura e saúde mental nos quais proponho oficinas, especialmente de fotografia, sejam eles o Projeto Construção de Memórias, o Casa Ateliê UERJ e o Ateliê das Possibilidades. O Projeto Construção de Memórias, iniciado em abril de 2019, é resultado da minha parceria com a Sociedade Fluminense de Fotografia (SFF), instituição e escola de Fotografia localizada em Niterói, e com o Centro de Convivência e Cultura de Niterói (CECO Dona Ivone Lara), dispositivo público da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Niterói e consiste em oficinas semanais de fotografia realizadas na SFF. Já o Casa Ateliê é um projeto de pesquisa universitária, coordenado pela prof.^a Dra. Denise Espírito Santo, iniciado em 2015¹, que realiza atividades e oficinas artísticas dentro de duas unidades do Hospital Pedro Ernesto (HUPE/UERJ), sejam eles o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) e Unidade Docente Assistencial de Psiquiatria (UDA de Psiquiatria / HUPE). E, ainda, o Ateliê das Possibilidades, projeto idealizado por mim, que realiza oficinas artísticas para usuários da Rede de Atenção Psicossocial do município de Niterói, com ênfase na população em processo de desinstitucionalização, após internações de longa permanência, principalmente no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (HPJ). Esses usuários agora vivem em condomínios do Serviço de Residências Terapêuticas (SRT) da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Niterói.

E por fim, no último capítulo, enfatizaremos a importância da liberdade para a

¹ Em 2015, o projeto que iniciou o que futuramente seria o “Casa Ateliê” foi o “Ateliê de Múltiplas Linguagens” que adaptou uma das enfermarias da Vila da psiquiatria após ser contemplado em um edital Faperj. Originalmente tinha em sua equipe os professores do Instituto de Artes da UERJ, Aldo Victorio e Denise Espírito Santo, além do professor da Faculdade de Medicina Paulo Roberto Pavão, na época diretor daquela unidade psiquiátrica. A equipe contava, ainda, com Aída Dutra, terapeuta ocupacional, Mariana Novaes, doutoranda em Artes e ceramista, e o médico residente Felipe Feldman.

saúde mental e para o exercício da cidadania. Nesse momento, comentaremos como as artes visuais e cênicas podem contribuir para esse processo e destacaremos o conceito de “desiniciação teatral”, utilizado pelo dramaturgo Amir Haddad em suas aulas de teatro.

1 LOUCURA

Loucura não é arte, mas a angústia ou a pulsão de criação lidam com estes confrontos e mesmo extremos da intimidade ou de sua falta. São processamentos da subjetividade na relação com a alteridade que resultam em iluminação de recantos sombrios da existência do ser humano e do mundo.²

Quando menina, eu tinha medo de maluco, ou melhor, eu tinha medo de ficar maluca, de enlouquecer e não perceber que tinha ficado doida. Cresci no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 ouvindo a história de uma mulher da família do meu pai que tinha enlouquecido de tanto estudar, então era necessário tomar cuidado. Ao mesmo tempo que de mim eram cobradas boas notas na escola, o exagero poderia ser perigoso. Não à toa, Erasmo de Rotterdam, ao escrever sobre o tema da loucura, anunciou que “loucura é o mesmo que sabedoria”³, sob o argumento de que a felicidade estaria condicionada à ignorância.

Depois ouvi que uma outra parente também era doida, o que era difícil de entender já que era a tia que me levava aos bailes infantis de Carnaval e para andar de patins no Campo de São Bento⁴ e que me apresentou à Fotografia com uma câmera analógica, onde aprendi a colocar e rebobinar um filme e que, graças a isso, hoje tenho vivas muitas memórias da infância. A sementinha ali plantada germinou no futuro, já que hoje trabalho com Fotografia. Em um dos álbuns dessa época, lembro bem de uma dedicatória escrita por ela à mão que dizia que essas fotografias eram lembranças de uma fotógrafa “corta cabeças e pés,” o que mais tarde, ao estudar, entendi que ela passou a vida todo achando que não sabia fotografar, mas a verdade é que possuía uma câmera com visor direto e, portanto, com erro de paralaxe⁵.

² MELO, W. e FERREIRA, A.P. (org.) *A sabedoria que a gente não sabe*. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2011. p. 11.

³ ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Tradução de Elaine Sartorelli. São Paulo: Hedra, 2013.

⁴ Campo de São Bento é o nome pelo qual é popularmente conhecido o Parque Prefeito Ferraz, localizado no bairro de Icaraí, no município de Niterói.

⁵ Erro de paralaxe consiste em um aparente deslocamento de um objeto observado, que é causado por uma mudança no posicionamento do observador. No caso das câmeras fotográficas com visor direto, o visor tem um ponto de vista enquanto a imagem que chega no filme fotográfico vem do ponto de vista da lente / objetiva da câmera, causando uma imagem com enquadramento diferente do esperado.

Figura 1 - Fotografia da minha família feita com câmera analógica com visor direto.

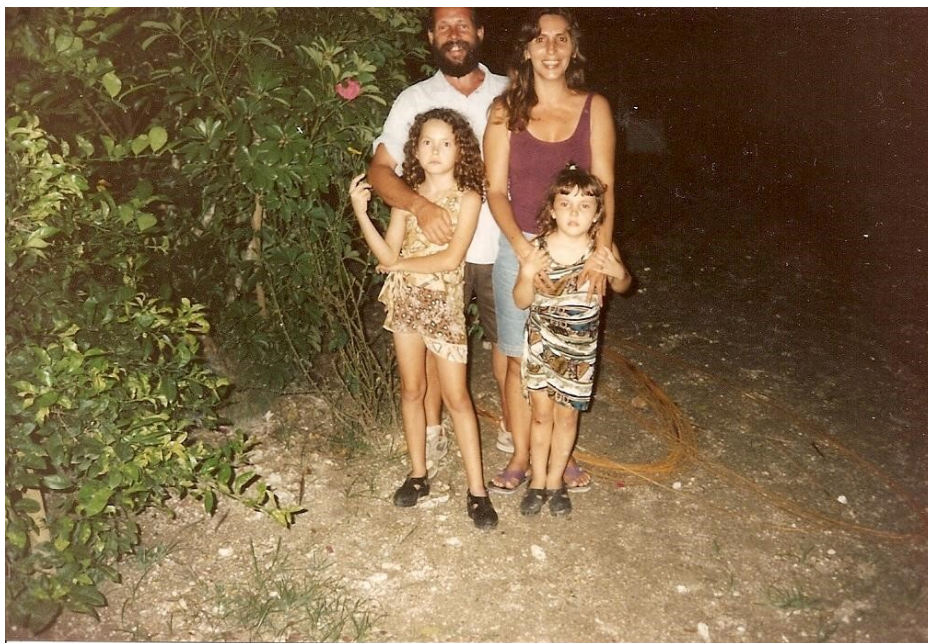


Foto: Mesquita (1995) | Fonte: Acervo pessoal de Mariana Pêgas.

Passei a pensar, na época, que talvez os loucos pudessem ser pessoas legais incompreendidas. Mas hoje percebo que a questão é ainda maior do que eu imaginava, pois além de incompreensão, existe ainda, a grande influência de um machismo estrutural que somado ao capitalismo, transforma mulheres desviantes em loucas para silenciá-las. “Os mecanismos de poder tomaram de assalto a vida em suas várias dimensões.”⁶

Ao longo dos séculos, as mulheres foram frequentemente estigmatizadas e desacreditadas quando se tratava de sua saúde mental, com suas manifestações emocionais muitas vezes rotuladas como sinais de fraqueza ou instabilidade. A histeria, em particular, foi uma condição diagnosticada quase exclusivamente em mulheres, refletindo uma visão patriarcal que atribuía sintomas psicológicos femininos a desequilíbrios uterinos. Essa medicalização da experiência feminina serviu como uma ferramenta de controle social, mantendo as mulheres subjugadas às normas e

⁶ PELBART, P. P. *Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo...* In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SAÚDE PÚBLICA, 13, 2013, São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/SBMnsjPgX7Q5mzDWdnhLQ6D/abstract/?lang=pt> Acesso em: 29 fev. 2024.

expectativas de gênero. Ainda hoje, embora tenhamos avançado em termos de compreensão e tratamento dos transtornos mentais, persistem resquícios do machismo na forma como as mulheres são percebidas e tratadas no contexto psiquiátrico. Na obra "Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière,"⁷ Georges Didi-Huberman aborda a relação entre a medicina e a estética na representação da histeria no final do século XIX. O autor analisa a iconografia fotográfica produzida no hospital psiquiátrico Salpêtrière, em Paris, liderado pelo médico Jean-Martin Charcot. Didi-Huberman destaca que as fotografias realizadas ali foram utilizadas para criar uma iconografia da histeria, representando as pacientes como objetos de estudo médico, e não como sujeitos autônomos. Essa nova doença que se queria estudar e provar era atribuída em especial às mulheres, inclusive sua nomenclatura, derivada do grego *hystéra* [ὑστέρα], significa útero. As fotografias eram usadas para documentar os sintomas das pacientes, como convulsões, paralisias e desmaios, e para criar uma classificação taxonômica dos diferentes tipos de histeria. Didi-Huberman argumenta que essa iconografia fotográfica não era apenas uma forma de documentação científica, mas também uma forma de controle social e de despersonalização dos sujeitos. Eram utilizadas para reforçar estereótipos de gênero retratando as mulheres como frágeis e histéricas e os homens como fortes e racionais capazes de curá-las. Didi-Huberman também destaca que as fotografias da Salpêtrière foram influenciadas pelas teorias estéticas da época, em particular pelo conceito de "estereotipia", que se referia à capacidade das imagens de fixar e perpetuar padrões de comportamento. É importante ressaltar que a iconografia fotográfica da histeria em Salpêtrière foi produzida em um momento histórico em que a psiquiatria estava em pleno desenvolvimento como disciplina científica. Além disso, é importante destacar que essa iconografia fotográfica da histeria também teve implicações políticas e ideológicas. Na França do final do século XIX, o país passava por uma série de mudanças sociais e políticas, incluindo o surgimento do movimento feminista e a luta pela igualdade de direitos das mulheres.

Nesse contexto, entendemos que a representação fotográfica da histeria em Salpêtrière foi usada para reforçar a ideia de que as mulheres eram emocionalmente instáveis e incapazes de tomar decisões racionais, o que justifica sua exclusão da

⁷ DIDI-HUBERMAN, G. *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015 [1982].

esfera pública e sua subordinação aos homens. O estudo científico, em vez de desconstruir as concepções do senso comum geradas pelo imaginário social em relação às mulheres, ao tentar provar a existência dessa nova doença, utilizou os preconceitos e estereótipos que validaram e reforçaram a ideia do descontrole feminino como parte de sua essência. A iconografia fotográfica da histeria, portanto, contribuiu para a manutenção de uma ordem social patriarcal e conservadora, que negava às mulheres a possibilidade de participar plenamente da vida pública e política. Ao mesmo tempo em que a fotografia foi usada como uma ferramenta objetiva e precisa para documentar os sintomas da histeria, ela também foi usada para criar uma imagem estereotipada e caricatural das pacientes, que as retrata como mulheres histéricas. Uma das pacientes mais fotografadas pelo fotógrafo Paul Regnard durante as pesquisas de Charcot foi Augustine. Muitos críticos sugeriram que as convulsões e outros sintomas exibidos por ela durante as sessões de hipnose poderiam ter sido encenados ou amplificados para atender às expectativas de Charcot e do público, como se essa nova doença, que se queria provar, estivesse sendo teatralizada. Não existia, na época, tecnologia suficiente para um registro fotográfico instantâneo, sendo necessário que a pessoa fotografada permanecesse imóvel durante alguns segundos para que sua imagem ficasse congelada na fotografia. Nesse sentido, Didi Huberman afirma que:

O que fez de Augustine uma das grandes estrelas da Iconografia fotográfica da Salpêtrière foi, antes de tudo, uma espécie de desenrolar temporal, sempre muito bem delineado, de “repousos” e “entreatos” de seus ataques: a espécie de recorte dramático de seus sintomas em atos, cenas e quadros — a chamada intermitência plasticamente regular. Assim, seu corpo fazia de si uma doação rigorosa (...). E parecia deixar esquecer que a representação, como forma de tempo, esquece certa infelicidade do tempo.⁸

A Fotografia, tradicionalmente, carrega um valor de credibilidade na demonstração e comprovação da realidade, como se não houvesse a possibilidade de encenação ou montagem. Outros autores são ainda mais abrangentes, comparam a própria instituição “manicômio” com um teatro. Para Pessotti:

É difícil não ver o manicômio como um teatro (ou um teatro das operações, como dizem os cronistas das batalhas). No século XIX, particularmente, o manicômio aparece como um cenário de grandes combates, de uma imensa

⁸ DIDI-HUBERMAN, G. *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015 [1982]. p. 176.

tragédia. (...) É no manicômio que se pode enxergar o desfecho sempre mutilante do conflito entre a busca do prazer e o medo do sofrimento que essa busca pode trazer. O manicômio aparece no século XIX, como um espelho acabado da tragédia existencial humana. Não é sem motivo que o teatro, a loucura e a explosão devastadora do desejo reprimido, em forma de tragédia, andam juntos desde a Antiguidade.⁹

Quando Augustine percebeu que o médico não a curaria como prometido e que sua doença estava sendo repetidamente exibida a outros médicos e estudiosos em uma espécie de teatro clínico, decidiu romper o contrato não verbal que mantinha com ele. Assim, teria se recusado a prosseguir com a encenação e, criando seu próprio *gran finale* para aquele espetáculo, escapou do confinamento em Salpêtrière vestida de homem, utilizando as roupas de um funcionário do hospital. Segundo as pesquisas de Didi-Huberman, “as alucinações de Augustine eram correr, salvar-se e, em última instância, recusar-se.”¹⁰ E após ter uma recaída e ter sido colocada em uma cela, “ela mesma pôs fim à sua existência de ‘caso’: disfarçou-se de homem (que ironia), e assim fugiu de Salpêtrière. Seus guardiões, apesar de atentos, não perceberam nada. Fuga: recusa categórica.”¹¹

Ainda no século XIX, o manicômio San Servolo, em Veneza, de acordo com pesquisas de Isaías Pessotti,¹² registrou, seguindo a classificação das alienações criadas por Philippe Pinel, as causas pelas quais seus pacientes foram internados e dentre elas temos: onanismo, desgostos, amor-próprio ofendido, amor contrariado, ciúme e excesso de estudo, mas a maioria constava como “causas desconhecidas,” o que se alinha com a teoria de que os manicômios existiam para controle dos corpos e exclusão das pessoas não gratas ao sistema da sociedade.

A escritora inglesa do século XIX Virgínia Woolf, que segundo algumas críticas literárias, teria tentado curar sua loucura com o suicídio, escreveu em seu livro “Um teto todo seu”, ao comentar sobre a obra de Shakespeare, sobre o que teria acontecido a uma mulher daquela época caso tivesse apresentado um talento como o dele.

⁹ PESSOTI, I. *O século dos manicômios*. São Paulo: Ed. 34, 1996. 1. reimpr. 2001. pp. 9 e 10.

¹⁰ DIDI-HUBERMAN, G. *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015 [1982]. p. 384.

¹¹ *Ibid.* p. 384.

¹² PESSOTI, I. *Op. cit.* nota 9, p. 209.

Porque um gênio como o de Shakespeare não surgia entre as pessoas trabalhadoras, sem educação formal, servis. Não nascia na Inglaterra entre os saxões e bretões. Não surge hoje entre as classes trabalhadoras. Como, então, poderia surgir entre mulheres cujo trabalho começava, de acordo com o professor Trevelyan, pouco antes de deixarem o berço, e ao qual eram impelidas pelos pais e obrigadas pelo poder da lei e dos bons costumes? Ainda assim, gênios desse tipo hão de ter existido entre as mulheres, da mesma forma que hão de ter existido entre as classes trabalhadoras. Vez ou outra uma Emily Brontë ou um Robert Burns se inflama e comprova essa presença. Mas com certeza nunca foi colocada no papel. Quando, porém, lemos sobre o afogamento de uma bruxa, sobre uma mulher possuída por demônios, sobre uma feiticeira que vendia ervas ou mesmo sobre um homem muito notável e sua mãe, então acho que estamos diante de uma romancista perdida, uma poeta subjugada, uma Jane Austen muda e inglória, uma Emily Brontë que esmagou o cérebro em um pântano ou que vivia vagando pelas ruas, enlouquecida pela tortura que seu dom lhe impunha. Na verdade, arrisco-me a dizer que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem cantá-los, com frequência era uma mulher. (...) **qualquer mulher que tenha nascido com um grande talento no século XVI certamente teria enlouquecido**, atirado em si mesma ou terminado seus dias em um chalé nos arredores da vila, meio bruxa, meio feiticeira, temida, escarnecida. Não é preciso ter grandes habilidades em psicologia para afirmar que **qualquer garota muito talentosa que tenha usado seu dom para a poesia teria sido impedida e inibida por outras pessoas, tão torturada e feita em pedaços por seus próprios instintos contrários, que deve ter perdido a saúde e a sanidade, com certeza.** (grifos nossos)¹³

Não coincidentemente, já no século XX, entre os anos de 1903 a 1980, no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, conhecido como “Hospital Colônia,” onde ocorreu o que a jornalista Daniela Arbex denominou de “Holocausto Brasileiro¹⁴,” das pessoas ali internadas, “70% não tinham diagnóstico de doença mental,” muitas eram “menina grávidas violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perdiam a virgindade antes do casamento,¹⁵” ou seja, mulheres cujo sistema patriarcal queria silenciar. Havia, também, prostitutas, a maioria vinda de São João del-Rei, enviadas para o pavilhão feminino Arthur Bernardes após cortarem com gilete os homens com quem haviam se deitado, mas que recusavam a pagar pelo programa¹⁶. Elas chegavam, em especial, pelas vias ferroviárias, pelo que ficou sendo chamado de “Trem de Doido”, mas chegavam também de ônibus e até em

¹³ WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014. p. 73 e 74.

¹⁴ ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2019.

¹⁵ *Ibid.* p.14. (Prefácio de Eliane Brum)

¹⁶ *Ibid.* p. 30.

viatura policial. Isso durou até a década de 1980, melhorando apenas após a pressão dos jornalistas e dos profissionais de saúde, como por exemplo o fotógrafo Luiz Alfredo do jornal “O Cruzeiro”, que em 1961, retratou a realidade dentro do Hospital, o jornalista Hiram Firmino que em 1979 publicou diversas reportagens intituladas “Nos porões da loucura” que depois foram lançadas em formato de livro¹⁷ e Helvécio Ratton, que no mesmo ano, lançou o filme “Em Nome da Razão”¹⁸.

Além das questões de gênero, o recorte racial em relação à loucura também tem um aspecto significativo e historicamente negligenciado e subestimado em muitas sociedades, revelando disparidades profundas e sistêmicas. Existem numerosos estudos e pesquisas que documentam as disparidades raciais em saúde mental e as maneiras pelas quais o racismo estrutural afeta as comunidades através da discriminação. Muitas vezes, as pessoas pertencentes às minorias étnicas são estigmatizadas como “loucas” ou “instáveis” devido a preconceitos arraigados e estereótipos culturais. Isso pode levar à marginalização e à falta de acesso a recursos e tratamentos adequados. Além disso, as experiências de racismo e discriminação racial podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de problemas relacionados à autoestima e à saúde mental. O estresse crônico causado pelo racismo sistêmico pode levar a condições como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. As desigualdades socioeconômicas também desempenham um papel importante nas disparidades raciais em saúde mental, no momento em que muitas comunidades enfrentam falta de acesso a cuidados de saúde mental de qualidade devido a questões como pobreza, falta de seguro de saúde e acesso limitado a profissionais de saúde mental culturalmente competentes.

Além disso, o sistema de justiça criminal muitas vezes criminaliza o comportamento associado à saúde mental em comunidades de minorias étnicas, em vez de oferecer tratamento e apoio adequados. Isso pode resultar em um ciclo prejudicial de encarceramento em massa e falta de tratamento para problemas de saúde mental subjacentes. Entendemos que para abordar efetivamente as disparidades raciais em saúde mental, é crucial reconhecer e enfrentar o racismo estrutural em todos os níveis da sociedade. Isso inclui a promoção da diversidade e

¹⁷ FIRMINO, Hiram. *Nos porões da loucura*. Rio de Janeiro: CODECRI, 1982.

¹⁸ RATTON, H. *Em nome da razão*. Belo Horizonte: Quimera filmes; 2009. Disponível em <https://www.youtube.com/@QuimeraFilmes>.

inclusão na prestação de cuidados de saúde mental, o aumento do acesso a recursos e tratamentos culturalmente sensíveis, e o combate às desigualdades socioeconômicas que perpetuam as disparidades raciais em saúde mental. A conscientização e a advocacia contínuas são fundamentais para criar mudanças significativas que garantam que todas as pessoas tenham acesso igualitário a cuidados de saúde mental de qualidade.

O filósofo Foucault¹⁹, ao escrever sobre a história da loucura, aborda a evolução do conceito de loucura na sociedade europeia, desde a Idade Média até o período clássico, destacando as mudanças nas formas de compreensão e tratamento da loucura ao longo desse tempo. Para ele, antes do Renascimento, a noção de loucura não era necessariamente ligada a uma condição médica ou psicológica. A loucura era frequentemente vista dentro de uma moldura social e religiosa. Os loucos não eram apenas aqueles que manifestavam comportamentos considerados irracionais, mas também as pessoas socialmente marginalizadas devido a sua suposta falta de razão ou por comportamentos disruptivos. Na Idade Média, por exemplo, os loucos muitas vezes eram considerados possuídos pelo demônio ou tocados por forças sobrenaturais. Eles eram isolados da sociedade e frequentemente confinados em hospitais ou asilos. Foucault argumenta que durante a Idade Média e a era pré-renascentista, a loucura era tolerada dentro de uma certa margem social, pois era vista como parte do mistério divino ou como um elemento da ordem natural. No entanto, com o advento da modernidade, particularmente durante o período renascentista, houve uma mudança na percepção da loucura. Ela passou a ser vista como uma ameaça à razão e à ordem social emergente. Assim, Foucault sugere que o Renascimento tenha marcado o início de uma transformação na forma como a sociedade ocidental percebia e lidava com a loucura, culminando na sua medicalização e institucionalização nos séculos seguintes. Esta transição é discutida por Foucault como parte de um processo mais amplo de racionalização e controle social que caracterizou a modernidade.

Podemos considerar como uma das formas do louco ter convivido em sociedade, sem a segregação, a presença da figura do “bobo da corte” nas cortes reais e aristocráticas da Europa medieval, onde ocupavam uma posição social peculiar que poderia, em alguns aspectos, envolver comportamentos considerados

¹⁹ FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

"loucos" dentro do contexto social. Eles desafiavam normas sociais e regras de etiqueta por meio de seu comportamento extravagante e suas observações mordazes, e suas interações com a aristocracia podem ter implicado percepções e representações da loucura naquele contexto específico. Ocupavam uma posição social única que lhes permitia, protegidos pelo argumento do humor, da sátira e do entretenimento, comentar livremente sobre assuntos políticos e sociais, muitas vezes de uma maneira que a outros membros da corte não era permitido, fazendo assim, críticas veladas. Apesar de sua posição subordinada, os "bobos da corte" desfrutavam de uma liberdade incomum. O fato de serem frequentemente retratados como tolos e ingênuos, encobria uma inteligência afiada e uma habilidade para ler as complexidades da corte e da sociedade em que estavam inseridos.

Qual o limite entre loucura e razão? O médico alienista Simão Bacamarte, personagem fictício de Machado de Assis²⁰, tentou identificar e asilar todos os loucos de Itaguaí. Ele buscou, sem sucesso, um método que pudesse rigorosamente estabelecer os limites entre razão e loucura, num conto cujo desfecho é um exemplar da ironia machadiana, com muitas portas abertas para a reflexão. Crescemos ouvindo que "de médico e louco todo mundo tem um pouco." A sabedoria popular já nos mostrando o quanto são tênues aqueles limites, mas ainda que fosse ou seja possível uma delimitação exata, o que aprendemos com todo o processo da luta pela Reforma Psiquiátrica foi que o cerceamento da liberdade, além de não tratar, pode agravar mais o sofrimento psíquico.

O conceito de autonomia passa a ser um conceito-chave para repensar os objetivos da reforma psiquiátrica e o próprio conceito de reforma psiquiátrica, na medida em que a construção da autonomia transcende o acesso a serviços sanitários e mesmo o acesso a políticas de saúde, se desdobrando em produção de vida em articulação com redes de suporte social formais e informais, espaços de convivência, trabalho, lazer, cultura e arte, bem como o acesso a políticas públicas e direitos de cidadania. Além disso, em segundo lugar, não é apenas pela oferta de proteção social ou políticas de assistência pelo Estado que se promove a cidadania e a autonomia dos sujeitos excluídos ou em desvantagem social — também é fundamental que os movimentos sociais participem de espaços de negociação e construção das agendas sociais. A autonomia não se produz somente por meio de canais oficiais, normativos ou institucionais, mas é promovida quando os atores sociais e os movimentos de militância alcançam um protagonismo capaz de assegurar

²⁰ ASSIS, M. de. O Alienista. In: *Obra Completa*. Vol. II, Conto e Teatro. Organizada por Afrânio Coutinho, 4. ed. ilustrada. Rio de Janeiro: 1979. Editora Nova Aguilar, p. 253-288.

uma apropriação dos dispositivos e estratégias na construção de direitos e participação política e social.²¹

Paulo Amarante ao analisar o pensamento e a prática de Franco Basaglia, responsável pela reforma psiquiátrica italiana e colaborador com a reforma brasileira, enuncia que:

O conceito de **cidadania** dos doentes mentais, implícito no discurso e na prática de Basaglia, se relaciona à ampliação dos direitos sociais, jurídicos e políticos dos mesmos. Mas não apenas isso, porque, de tal concepção, são muitos os que dela partilham. Melhor dizendo, não se trata de, com base na ideia de cidadania como valor universal, admitir sua extensão a todo tecido social. Trata-se, sobretudo, de ampliar ou diversificar, em um prático trabalho de desinstitucionalização, o próprio conceito de cidadania, no sentido de **admitir a pluralidade dos sujeitos, com suas diversidades e diferenças num mesmo patamar de sociabilidade**. Trata-se, ainda, não de deixar o louco viver a sua loucura, porém de, em um novo conceito de cidadania, **dar-lhe o real direito ao cuidado. Não de ser excluído, violentado, discriminado, mas de receber ajuda em seu sofrimento**, em sua positividade e sua possibilidade de ser sujeito. Enfim, trata-se de **trabalhar efetivamente para que ele seja um sujeito de desejos e projetos**.²² (grifos nossos)

A Reforma Psiquiátrica brasileira segundo Paulo Amarante foi

Um processo histórico de formulação crítica e prática, que tem como objetivos e estratégias o questionamento e elaboração de propostas de transformação do modelo clássico e do paradigma da psiquiatria.(...) Tem como fundamentos apenas uma crítica conjuntural ao subsistema de saúde mental, mas também – e principalmente – uma crítica estrutural ao saber e às instituições psiquiátricas clássicas, dentro de toda a movimentação político-social que caracteriza a conjuntura de redemocratização, em fins da década de 70.²³

Apesar de se inspirar na reforma italiana, aqui no Brasil ocorreram especificidades calcadas no contexto histórico da época, que era de redemocratização, reforma sanitária e estruturação do Sistema Único de Saúde (SUS).

²¹ AMARANTE, P.; TORRE, E. H. G. *De volta à cidade, sr. cidadão!* — reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, RJ, v. 52, n. 6, p. 1090–1107, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/77389>. Acesso em: 9 nov. 2023.

²² AMARANTE, P. *O Homem e a Serpente*. Outras Histórias para a Loucura e a Psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996. 5ª reimpressão, 2016. p. 114.

²³ *Idem.* (coord.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013. p. 87

No prefácio à primeira edição do livro *Loucos pela Vida*, organizado por Paulo Amarante, em 1995, Ernesto Venturini, à época diretor de saúde mental de Ímola - Itália, mesmo com os avanços alcançados pela Reforma Psiquiátrica, se mostrou preocupado com o risco de um retorno ao passado, onde “o hospital psiquiátrico, mais ou menos modernizado, com número de leitos reduzido, continue a desenvolver o seu papel ‘insubstituível’ de salvaguarda para o controle da ‘periculosidade’ e da ‘cronicidade’ psiquiátrica.”²⁴

A revisão das práticas psiquiátricas tradicionais durante a Reforma, pôde favorecer a produção do cuidado e o desenvolvimento de um olhar mais humanizado sobre as pessoas em sofrimento psíquico. No lugar da busca pela cura, parece agora haver uma intenção de desenvolver as potencialidades de cada pessoa.

O art. 4º, da Lei 10.216/2011 enuncia que “a internação, em qualquer de suas modalidades, só será indicada quando os recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes.”²⁵ E no §1º do mesmo artigo que “o tratamento visará, como finalidade permanente, a reinserção social do paciente em seu meio.”²⁶ Mesmo tendo garantias legais de que a internação só deva ser utilizada em casos extremos, na história recente do Brasil houve uma tentativa política de retorno, com a nota técnica nº 11/2019 publicada pela Coordenação-Geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, do Ministério da Saúde do governo de Jair Bolsonaro, cujo teor aponta um grande retrocesso nas conquistas estabelecidas com a Reforma Psiquiátrica. A nota apresenta, entre outras questões, a indicação de ampliação de leitos em hospitais psiquiátricos e em comunidades terapêuticas, incentivando assim um retorno ao modelo manicomial e ainda apresenta como medida o financiamento federal para a compra de aparelhos de eletrochoque para o SUS, vejamos:

O Ministério da Saúde passa a expandir os leitos qualificados em Hospitais Gerais, dentro de Unidades Psiquiátricas Especializadas. (...) Quando se trata de oferta de tratamento efetivo aos pacientes com transtornos mentais, há que se buscar oferecer no SUS a disponibilização do **melhor aparato terapêutico** para a população. **Como exemplo, há a Eletroconvulsoterapia (ECT)**, cujo

²⁴ AMARANTE, P. (coord.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

²⁵ BRASIL. Lei Federal nº 10.708, de 31 de julho de 2003. Institui o auxílio-reabilitação psicossocial para pacientes acometidos de transtornos mentais egressos de internações. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 ago. 2003. Seção 1, p. 3.

²⁶ *Ibid.* p.3.

aparelho passou a compor a lista do Sistema de Informação e Gerenciamento de Equipamentos e Materiais (SIGEM) do Fundo Nacional de Saúde, no item 11711. **Desse modo, o Ministério da Saúde passa a financiar a compra desse tipo de equipamento** para o tratamento de pacientes que apresentam determinados transtornos mentais graves e refratários a outras abordagens terapêuticas. (grifos nossos)²⁷

Após uma série de notas de repúdio e de críticas feitas por instituições e profissionais que trabalham a questão da saúde mental, a nota foi retirada do site do Ministério da Saúde e Luiz Henrique Mandetta, à época ministro da saúde, informou à imprensa que o teor do documento seria reavaliado pela nova Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas (CGMAD/MS), mas o mandato chegou ao fim e nenhuma outra nota ou legislação em sentido contrário à anterior foi publicada.

Em pesquisa no site do Ministério da Saúde, verificamos que durante a pandemia do COVID-19, a única medida tomada pelo governo no que tange a saúde mental, foi a publicação da Portaria GM/MS 2.516, de 21 de setembro de 2020, que autorizou um repasse, em caráter extraordinário, de cerca de R\$ 650 milhões aos municípios **apenas** para “aquisição de medicamentos do Componente Básico da Assistência Farmacêutica utilizados no âmbito da saúde mental em virtude dos impactos sociais ocasionados pela pandemia da COVID-19.”²⁸

No início do século XIX, conforme destacado por Foucault²⁹, teve início a implementação nos asilos, prisões, colégios e manicômios dos métodos de "repartição analítica" do poder. Esse processo impulsionou um conjunto de técnicas e instituições destinadas a mensurar, controlar e corrigir os comportamentos considerados "anormais". Os discursos oriundos das esferas penal e psiquiátrica se entrelaçam, estabelecendo redes de causalidade entre a biografia individual e uma sentença, concebida por Foucault como uma forma de "punição-correção". Desde então, o cuidado para com pessoas com transtornos mentais tem sido predominantemente associado à internação em hospitais psiquiátricos, o que resultou em processos de estigmatização da pessoa com transtornos mentais. A partir da década de 1970, inicia-

²⁷ BRASIL. Ministério da Saúde. *Nota Técnica No 11/2019-CGMAD/DAPES/SAS/MS. Assunto: Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas*. Brasília, 4 fev. 2019.

²⁸ BRASIL, Portaria Nº 2.516, de 21 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.516-de-21-de-setembro-de-2020-278695720> Acesso em 5 nov. 2020.

²⁹ FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes; 1991.

se a implementação de abordagens mais humanizadas da assistência em saúde mental dentro dos hospitais. E na década de 1980, após denúncias de jornalistas e trabalhadores da saúde mental sobre a violência praticada aos pacientes dentro dos hospitais psiquiátricos, iniciou a luta antimanicomial e as movimentações por uma Reforma Psiquiátrica, que culminou com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde.

A Lei 10.216/2001, uma conquista do movimento social organizado, promulgada em 31 de julho de 2003 e que deu respaldo e legitimidade ao processo de Reforma Psiquiátrica, confirma direitos e a proteção das pessoas com transtorno mental e promove uma transformação no modelo assistencial em saúde mental. Essa alteração passa a garantir que todos, independentemente de possuírem ou não transtornos mentais, tenham assegurados os direitos de cidadania. A Lei Federal 10.708/2003, desempenhou um importante papel na trajetória de garantia de direitos, ao instituir o Programa de Volta à Casa (PVC) e “o auxílio-reabilitação psicossocial para assistência, acompanhamento e integração social, fora de unidade hospitalar, de pacientes acometidos de transtornos mentais, internados em hospitais ou unidades psiquiátricas”.³⁰ O programa proporciona cidadania a indivíduos que enfrentaram longos períodos de exclusão social devido a extensas internações em hospitais psiquiátricos e que agora podem viver em comunidade, não mais confinadas por muros. Também é importante citar Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência, em vigor desde janeiro de 2016, como um marco na garantia de direitos das pessoas com transtornos mentais, no momento em que rompe com a condição de incapacidade absoluta anteriormente atribuída a essas pessoas, acabando com o regime de curatela e as restrições aos direitos fundamentais, como voto, casamento, educação, trabalho, adoção, sexualidade e autonomia sobre o próprio corpo. E ainda introduz outros instrumentos relevantes para a reabilitação psicossocial, a decisão aprimorada e uma revisão nos processos de avaliação da deficiência, incorporando perspectivas interdisciplinares e multiprofissionais. O conceito de pessoa com deficiência também adquire uma nova compreensão, como aquela “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o

³⁰ BRASIL. Lei Federal nº 10.708, de 31 de julho de 2003. Institui o auxílio-reabilitação psicossocial para pacientes acometidos de transtornos mentais egressos de internações. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 ago. 2003. Seção 1, p. 3.

qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.”³¹

Outro dia, enquanto observava as ruas movimentadas da cidade, me peguei pensando sobre a relação entre a loucura, a liberdade e o direito à cidade. A vida urbana algumas vezes pode nos empurrar para um ritmo frenético, onde a busca incessante por produtividade e sucesso nos afasta de nossa própria essência. É como se estivéssemos presos em um labirinto de concreto e aço, perdendo contato com nossa natureza mais selvagem e espontânea. Uma loucura, muitas vezes estigmatizada e marginalizada, pode ser vista como uma tentativa desesperada de reivindicar a liberdade em meio a essa selva urbana. É uma tentativa de quebrar as correntes da normalidade e permitir ser verdadeiramente autêntico, mesmo que isso signifique desafiar as convenções sociais. A loucura pode ser a única maneira de lembrarmos de nossa humanidade em um mundo que nos empurra para a conformidade. A loucura pode ser vista como uma forma de resistência a uma cidade que muitas vezes nos oprime e nos aliena. A busca pela liberdade, mesmo que pareça irracional aos olhos da sociedade, pode ser uma tentativa de reivindicar o direito à cidade de maneira não convencional.

Em setembro do ano de 2023, enquanto eu estava na UERJ tomando um café, aguardando o horário da minha apresentação no 6º Fórum de Direitos Humanos e Saúde Mental da ABRASME, fui abordada por um senhor com cabelos e barba brancos, roupa colorida e um sapato diferente em cada pé, que se apresentou como Jorge Louko ou Dr. Loucura, presidente, segundo ele, da “Associação dos Loucos, Ex-Loucos e Amigos dos Loucos da Via Láctea - Filial do Sciará,” que me questionou o porquê de eu estar ali e me disse que ele é um louco andarilho que percorre todos os eventos nacionais de saúde mental para questionar o modelo que os estudiosos do assunto tratam o tema da loucura. Para ele, os psicólogos e psiquiatras têm um discurso antimanicomial, mas perpetuam atitudes de silenciamento do louco, que reforçam o estigma da loucura. E que a única coisa que ele queria era poder exercer o direito de ser louco e me indicou a leitura do seu manifesto.³² O direito de ser "louco",

³¹ Art. 2º, LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em 03 de ago. 2022.

³² LOUKO, Jorge. *Tu tá doido? louco?* Disponível em: <https://tutadoidolouco.blogspot.com/>, acesso em 09 set. 2023

que ele milita, implica em que as pessoas respeitem aqueles que veem o mundo de maneira diferente, que têm ideias não convencionais, que questionam a norma, e que desafiam o *status quo*. E, para além da liberdade das pessoas serem quem são, o conceito de cidadania abrange a ideia de que o louco possa ter o “real direito ao cuidado. Não de ser excluído, violentado, discriminado, mas de receber ajuda em seu sofrimento, em sua positividade e sua possibilidade de ser sujeito.”³³ É um apelo à sociedade higienista que criou o “louco perigoso” para que não rotule nem exclua aqueles que não se enquadram nas categorias predefinidas da normalidade que atende ao capital. Quando os manicômios deixaram de existir, pudemos perceber que era um mito acreditar que os ex-internos não teriam autonomia para ocupar a cidade. Esse direito está relacionado ao princípio fundamental da liberdade individual. Todos deveriam exercer o direito de ser quem são, expressar suas opiniões e abraçar sua singularidade. São tantas as possibilidades de existir.

³³ AMARANTE, P. *O Homem e a Serpente*. Outras Histórias para a Loucura e a Psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996. 5a reimpressão, 2016. p. 114.

2 ARTE-CULTURA

Como um dos resultados da Reforma Psiquiátrica no Brasil e ao mesmo tempo mecanismo de retroalimentação do movimento reformista, tivemos a promulgação da lei 10.216/2001, que define uma nova Política Nacional de Saúde Mental para o Sistema Único de Saúde (SUS), incluindo modelos substitutivos à internação. Nesta lei também houve a regulamentação dos Centros de Convivência e Cultura, que surgiram no final dos anos 1980, em São Paulo, como parte da rede de saúde mental para serviços de base comunitária e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPs). A revisão das práticas psiquiátricas tradicionais durante a Reforma Psiquiátrica pôde favorecer a produção do cuidado e o desenvolvimento de um olhar mais humanizado sobre as pessoas em sofrimento psíquico.

a desmontagem do manicômio começa com o fechamento das estruturas manicomiais, prossegue com a construção de novos conceitos, práticas, espaços de cuidado e novas formas de lidar com a loucura, e ganha sua maior abrangência com as lutas por uma nova cultura e uma nova forma de olhar e cuidar da loucura e a diferença na cidade. A cura se torna a ação de produzir subjetividade, sociabilidade — mudar a história dos sujeitos, o que passa a mudar a história da própria doença³⁴

A desmontagem do manicômio foi um grande marco da Reforma Psiquiátrica, mas entendemos que a luta antimanicomial deve ser ampla e constante, pois, não basta não internar, é preciso que sejam criadas políticas públicas para que sejam garantidos os direitos das pessoas que foram desinstitucionalizadas. O fomento a projetos que trabalham com arte-cultura e saúde é um bom exemplo disso. Porém, não devemos olhar apenas o inegável potencial terapêutico e de entretenimento da arte, mas sim valorizar a arte-cultura enquanto experiência estética, ética e cultural e, ainda, como forma de expressão e de produção de vida. A arte-cultura é uma forma de expressão que pode ser tanto pessoal quanto coletiva. Ela permite que indivíduos expressem suas emoções, pensamentos e experiências pessoais de maneira criativa.

A originalidade neste contexto da Reforma Psiquiátrica estava em envolver a

³⁴ AMARANTE, P.; TORRE, E. H. G. *De volta à cidade, sr. cidadão!* — reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, RJ, v. 52, n. 6, p. 1090–1107, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/77389>. Acesso em: 9 nov. 2023.

arte como arte, e não como terapia, mesmo que este fosse um resultado importante e desejado. Arte-cultura como estratégias de produção de vida, invenção de vida, produção de novas subjetividades, produção de cultura, transformação de cultura, produção de *novos lugares sociais*, e assim por diante³⁵

A arte-cultura também é uma ferramenta para comunidades e grupos culturais compartilharem suas histórias e valores também, sendo um espaço para a inovação e a experimentação. Ela permite que as pessoas se conectem com suas raízes culturais, mas também oferece espaço para a expressão pessoal e a formação de identidades mais amplas. Por meio dela, as pessoas podem comunicar ideias, mensagens e histórias de maneira não verbal, podendo desempenhar, ainda, um importante papel na reflexão e na crítica social. Através da arte-cultura, as pessoas podem experimentar prazer estético e encontrar significado nas obras de arte que observam ou que produzem.

A arte-cultura tem sido um instrumento potente para repensar o lugar social da loucura e da diferença, e sua inserção na cidade e na democracia. Por isso, a importância das experiências artístico-culturais, e dos atos públicos e intervenções culturais como formas de ocupação da cidade, de devolver à cidade os sujeitos considerados “diferentes” e que foram excluídos por não se adequarem ao padrão de normalidade socialmente aceito. O retorno à cidade tem se tornado possível graças a inúmeros eventos e produções, que têm permitido às pessoas em sofrimento mental espaços de expressão, espaços de convivência e circulação social, que em última instância têm possibilitado esse processo inédito, da loucura ocupando a cidade, com marcante protagonismo e criatividade.³⁶

No ano de 2019, voltei meus estudos e práticas para o tema arte-cultura em saúde mental. A partir de então, passei a criar e executar projetos para o público que utiliza os serviços da Rede de Atenção Psicossocial do município de Niterói, dentre os principais projetos estão o “Construção de Memórias” e o “Ateliê das Possibilidades”. No projeto “Construção de Memórias” exploramos técnicas e poéticas por meio da Fotografia, que permitiam aos indivíduos expressar suas histórias pessoais e emoções de forma criativa. Esses encontros proporcionam um ambiente seguro para compartilhar experiências e promover a reflexão sobre o processo de construção de

³⁵ AMARANTE, P.; TORRE, E. H. G. *Loucura e transformação social: autobiografia da Reforma Psiquiátrica no Brasil*, São Paulo: Zagodon Editoria, 2021. p. 88

³⁶ Idem. *De volta à cidade, sr. cidadão! — reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial*. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, RJ, v. 52, n. 6, p. 1090–1107, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/77389>. Acesso em: 9 nov. 2023.

identidade e resiliência. Em 2020, minha experiência se expandiu ao integrar o Casa Ateliê UERJ como voluntária, um espaço que visa promover a integração entre arte e saúde mental. Ali, pude contribuir para a concepção e execução de atividades com Fotografia e auxiliar nas demais oficinas que promovem o fazer artístico visando o desenvolvimento pessoal dos participantes. No Casa Ateliê UERJ, pude colaborar com uma equipe multidisciplinar na criação de atividades que unem arte, saúde e bem-estar, contribuindo para a construção de um ambiente acolhedor para os participantes. Já o "Ateliê das Possibilidades," iniciou suas atividades no ano de 2023, após ter seu projeto selecionado em um edital municipal. As atividades, nessa primeira etapa do projeto, foram voltadas para pessoas que passaram pelo processo de desinstitucionalização psiquiátrica, e são realizadas em locais abertos como quiosques na praia de Charitas e no Horto Florestal de Itaipu, com o intuito de estimular a imaginação, a autoexpressão e o sentimento de pertencimento à cidade através da arte, proporcionando um espaço livre de julgamentos onde os participantes podem experimentar diferentes formas de criação artística. Esse projeto é especialmente significativo na promoção da autoconfiança e no estímulo da criatividade como ferramenta para o autocuidado e o crescimento pessoal. As experiências obtidas nessas atividades me proporcionaram uma compreensão mais profunda sobre o potencial transformador da arte na promoção da saúde mental e do bem-estar emocional, reforçando o meu compromisso em continuar utilizando a arte como uma ferramenta potente de cuidado.

2.1 Projeto Construção de Memórias

Construção de Memórias foi um projeto de arte-cultura iniciado em abril de 2019, resultado da parceria que fiz com a Sociedade Fluminense de Fotografia (SFF), instituição e escola de Fotografia localizada em Niterói, e o Centro de Convivência e Cultura de Niterói (CECO Dona Ivone Lara), dispositivo público na época do início do projeto ligado à Coordenação de Saúde Pública da Fundação Municipal de Saúde (FMS) e hoje gerido pela Fundação Estatal de Saúde de Niterói (FeSaúde). Nele, usuários da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município de Niterói foram convidados a participar de oficinas semanais de fotografia, às sextas-feiras na SFF.

Em um primeiro momento, o projeto foi pensado para atender os usuários dos serviços de saúde mental, mas naturalmente foi ampliado aos pais ou responsáveis que os acompanhavam, quando era o caso, e ainda, aos funcionários da RAPS que estavam presentes para auxiliar, mas que também foram acolhidos como participantes. O objetivo inicial do projeto foi promover o acesso à teoria e à prática da fotografia, mas evoluiu espontaneamente para uma produção de cuidado, construção de uma rede de afetos e estímulo ao exercício de cidadania, motivados pelo convívio semanal do grupo fora dos muros das instituições psiquiátricas. Assim, os participantes puderam experimentar um pouco mais a cidade, acessando espaços até então desconhecidos por eles. O projeto aconteceu, em sua primeira edição, de abril de 2019 a junho de 2022 sem receber qualquer apoio externo ou financiamento e todo o trabalho foi realizado de forma totalmente voluntária. E pôde retornar com sua segunda edição, em setembro de 2023 para mais quatro meses de atividades e para a realização de uma exposição fotográfica ao ser selecionado na Chamada Pública SMS/FMS/FeSaúde/SMC 01/2022 - SAÚDE E CULTURA da Prefeitura de Niterói, recebendo uma ajuda de custo de dez mil reais.

Como trata-se de um projeto desenvolvido dentro de uma instituição cultural, entendemos importante trazer aqui um breve histórico da Sociedade Fluminense de Fotografia, que tem início no carnaval de 1944, quando Jayme Moreira de Luna, um advogado mineiro de Santa Rita de Sapucaí, de 30 anos, que morava em Niterói e era fotógrafo amador, fez, despretensiosamente, um retrato de seu pequeno filho Elysio em frente a um dos portais de sua casa. O menino cabisbaixo, vestido de pierrô, inspirou seu pai a intitular sua obra de “Quarta-feira de Cinzas”³⁷. Não imaginava neste momento que esta foto mudaria a história da fotografia fluminense. Gostou tanto dela que resolveu apresentá-la no salão do “Photo Club Brasileiro”, onde foi duramente criticada, já que ao fotografar o grande portal de casa, que tinha um pé direito muito alto, teve como resultado linhas convergentes, o que foi considerado um erro grave para os jurados. Dr. Jayme pensou em desistir da fotografia, acreditando não ter talento para a arte. Esse sentimento durou apenas até encontrar, na barca de volta para Niterói, o amigo desembargador César Salamonde, respeitado fotógrafo amador e exímio laboratorista, que mostrou ao Dr. Luna como aquele erro facilmente poderia

³⁷ PEREGRINO, N. F.; MAGALHÃES, A. *Fotoclubismo no Brasil – O legado da Sociedade Fluminense de Fotografia*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012. p.155.

ser corrigido no laboratório, durante a ampliação da fotografia. Assim, decidiu criar uma instituição niteroiense voltada exclusivamente para difundir e ensinar a arte fotográfica e sua técnica. Em 12 de outubro de 1944, Jayme Moreira de Luna fundou a Sociedade Fluminense de Fotografia "no porão habitável de sua solarenga em estilo *art nouveau*, na Avenida Sete de Setembro em Niterói"³⁸, que mais tarde teria sua sede transferida para a Rua Aurelino Leal, nº 31, até conquistar seu local definitivo no Centro de Niterói, na Rua Dr. Celestino, nº 115, local no qual Dr. Jayme Moreira de Luna construiu, segundo declaração colhida em conversas informais com o atual presidente da SFF Antonio Machado, o primeiro prédio projetado e construído exclusivamente para a Fotografia do Brasil, que, inaugurada em 1955, é composto por laboratório, sala administrativa, biblioteca, estúdio, salas de aula e duas galerias, para promover a fotografia, realizar trocas de experiências e permitir estudos e prática fotográfica. A SFF, hoje, é a segunda instituição de fotografia mais do movimento fotoclubístico em atividade no país.

Durante o fotoclubismo, a SFF conquistou prêmios e notoriedade mundial ao lado dos mais renomados fotoclubes europeus existentes desde o século XIX. Nos dias atuais, desdobra-se entre o ensino teórico e prático, o fomento de discussões em torno do interesse da fotografia como arte, a preservação de seu acervo, a manutenção de uma biblioteca especializada e a proposição de eventos que estimulem o interesse pela fotografia. Em 1945, um ano após ser concebida, a tão criticada fotografia Quarta-feira de Cinzas, estopim da criação da SFF, ironicamente ganhou reconhecimento internacional, após ter sido publicada em um jornal americano com a legenda "Enquanto os grandes guerreiam na Europa, os pequenos brincam o carnaval do Rio de Janeiro," segundo o fotógrafo e jornalista Luís Antônio Pimentel, fazendo referência à Segunda Guerra Mundial que acabaria naquele ano. Também em 1945, a SFF realizou sua primeira mostra mundial, no antigo Hotel Balneário Cassino Icarahy, atual prédio da reitoria da Universidade Federal Fluminense (UFF). Depois disso, foram realizadas mais de 40 exposições internacionais. Já reconhecido, Dr. Luna foi procurado por uma estudante de jornalismo americana que se queixava que não encontrava fotos do Brasil na embaixada americana nem nos consulados brasileiros nos EUA, ele então, sem hesitar, segundo palavras de Luís Antônio Pimentel:

³⁸ PIMENTEL, L. A. *Texto de apresentação do site da SFF*. Disponível em: www.sff.com.br. Acesso em 15 jan. 2020.

procurou o então chefe da Divisão Cultural do Itamaraty, embaixador e escritor Nelson Tabajara de Oliveira, e colocou a Sociedade Fluminense de Fotografia, não só para atender à universitária americana, mas também para difundir o Brasil no exterior, o principal objetivo da agremiação, como reza seu estatuto. E, assim, ele próprio, às suas expensas, fotografou todo o litoral brasileiro e Brasília, organizando coleções de cinquenta fotos cada uma, remeteu-as às nossas representações diplomáticas nos principais países do mundo.³⁹

Como reconhecimento aos esforços prestados à fotografia, Dr. Luna recebeu o título de *Honoraire Excellence* FIAP (HonEFIAP), título máximo de *Fédération Internationale de L'Arte Photographique*, com sede em Berna na Suíça. E isso aconteceu no princípio da década de 50, em ação pessoalmente liderada por seu diretor, Dr. Maurice Van de Wijer. Ele estreitou uma forte relação com a Sociedade Fluminense de Fotografia e com Jayme Moreira de Luna. Receber um título honorífico da FIAP era, na época, de tal prestígio que muitos diretores de fotografia e grandes nomes do cinema mundial faziam questão de acrescentar na frente de seu nome, seu título da FIAP.

Outra grande contribuição da Sociedade Fluminense de Fotografia e de seu fundador para a difusão da fotografia foi a criação da “SFF - Foto Revista”⁴⁰, no início da década de 50, publicação oficial da agremiação, coordenada por Jayme Moreira de Luna e escrita por diversos sócios colaboradores e reconhecidos fotógrafos, tais como o citado Luis Antônio Pimentel, também membro da instituição desde a fundação, Chakib Jabôr, Enrique Aznar, Alberto Ceniquel, Stefan Rosenbauer, premiado fotógrafo alemão radicado no Brasil, Djalma Gaudio, Geraldo Pereira Gomes, Ary Pereira e o próprio Dr. Luna, dentre outros grandes nomes da fotografia. A “SFF - Foto Revista” se tornou uma importante produção editorial da época, trazia em suas edições imagens e artigos sobre técnica e arte fotográficas e narrativas dos eventos e dos salões internacionais realizados pela SFF. Hoje é fonte de pesquisa da história da fotografia e do fotoclubismo brasileiro e pode ser consultada na Biblioteca Joaquim Antonio Dias de Amorim, na Sociedade Fluminense de Fotografia, ou na biblioteca da Universidade Federal Fluminense, campus Gragoatá. Além das referidas revistas, a biblioteca da SFF possui os catálogos das exposições internacionais realizadas e mais de mil títulos de livros sobre fotografia, incluindo exemplares raros

³⁹ PIMENTEL, L. A. *Texto de apresentação do site da SFF*. Disponível em: www.sff.com.br. Acesso em 15 jan. 2020.

⁴⁰ PEREGRINO, N. F.; MAGALHÃES, A., A. *Fotoclubismo no Brasil – O legado da Sociedade Fluminense de Fotografia*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012. p. 192.

do século XIX, sendo uma preciosa fonte de pesquisa para estudantes e historiadores.

Durante o Fotoclubismo, a Sociedade Fluminense de Fotografia chegou a se corresponder com cerca de 90 países ao mesmo tempo⁴¹. As fotos de seus integrantes eram enviadas via Correios e devolvidas com o carimbo das participações, aceitações e premiações nos salões internacionais. Uma mesma fotografia percorria diversos países e salões do mundo todo. Essas fotografias integram o acervo da instituição, que conta com milhares de obras fotográficas, que foram higienizadas e colocadas à disposição para pesquisa, com o apoio da Prefeitura de Niterói, através do Projeto Ponto de Cultura Memória e Fotografia Pública, e da cooperação técnica do Laboratório de História Oral e Imagem/UFF (LABHOI/UFF) e do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Integram o acervo, fotografias muitos fotógrafos reconhecidos internacionalmente, tais como Stefan Rosenbauer, o fundador da instituição Jayme Moreira de Luna, Décio Brian, Kleber Feliciano Pinto, H. Fellet, Luís Antônio Pimentel, Nair Avellar Nunes, José Reis, Alan Fisher, Chico Nascimento, Geraldo Pereira Gomes, Walter Fialho Bittencourt, dentre outros grandes nomes da fotografia moderna.

A SFF foi declarada de utilidade pública estadual (Lei 940 de 4 de agosto de 1950) e municipal (Lei nº 3012 de 17 de janeiro de 2013). Em 2012, foi lançado o livro "Fotoclubismo no Brasil – O legado da Sociedade Fluminense de Fotografia", de autoria de Angela Magalhães e Nadja Fonseca Peregrino e curadoria de Antonio Machado, resultado de uma parceria entre o Senac Nacional e a Sociedade Fluminense de Fotografia, que conta parte da história da fotografia autoral e revela a importância dos clubes de fotografia, para o florescimento da fotografia artística, com destaque à Sociedade Fluminense de Fotografia. Desde sua fundação até os dias atuais a SFF é referência no que diz respeito ao ensino e divulgação da arte fotográfica, no momento desta escrita, com a direção de Antonio Machado, presidente desde 1995, reeleito em todas as eleições até o momento. Toninho, como é conhecido, foi responsável por materializar diversos sonhos de Jayme Moreira de Luna e por continuar seus projetos iniciados, como a construção de um dos mais espaçosos e equipados estúdios fotográficos do Rio de Janeiro, construção de um laboratório digital e a manutenção em seus cursos, da prática da fotografia analógica e do laboratório químico preto e branco. O atual presidente fez parte do Fotoclubismo quando jovem e hoje trilha os caminhos da Fotografia Contemporânea e ocupa a

⁴¹ PEREGRINO, N. F.; MAGALHÃES, A. *Fotoclubismo no Brasil – O legado da Sociedade Fluminense de Fotografia*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012. p.p. 183-191.

primeira cadeira dedicada à Fotografia da Academia Fluminense de Letras, escolhendo como seu patrono (*in memoriam*) Jayme Moreira de Luna. A SFF realiza periodicamente exposições individuais e coletivas, de fotógrafos nacionais e internacionais, em suas duas galerias. A menor leva o nome de seu fundador Jayme Moreira de Luna e a outra homenageia Octávio do Prado, importante colaborador e agitador cultural na época da fundação da instituição.

A Sociedade Fluminense de Fotografia promove, até hoje, além dos cursos regulares e oficinas de fotografia, diversas atividades gratuitas abertas ao público, revertendo todo lucro obtido nos cursos livres de fotografia e prêmios em editais culturais de fomento, para atividades de difusão da arte fotográfica, como exposições abertas à visitação, visitas guiadas às exposições, projeções de fotografias abertas a todos que quiserem apresentar suas produções, encontros abertos ao público para prática fotográfica dentro de suas dependências e de seu estúdio, passeios orientados, palestras e cursos com grandes nomes da fotografia brasileira e internacional, dentre outras atividades sempre voltadas para a fotografia. Atualizada diante das novas tendências, pensamentos e tecnologias, a instituição que foi reconhecida em 2018 como Ponto de Cultura da Rede Cultura Viva, pelo projeto no qual oferece cursos gratuitos a grupos minoritários. Um outro braço da SFF é seu Núcleo de Fotografia Contemporânea, coordenado pelo artista e curador da SFF, Antonio Paiva, que visa formar consciências artísticas voltadas à produção de trabalhos alinhados à poéticas e temáticas consideradas relevantes para a atualidade, o qual tem exposto tanto nas galerias da própria instituição quanto em espaços outros, em especial, em festivais de fotografia. Em 2019, a SFF iniciou o Projeto Construção de Memórias, em parceria comigo e com o Centro de Convivência e Cultura de Niterói (antigo CCCN, hoje CECO Dona Ivone Lara), na época braço da Fundação Municipal de Saúde (FMS), hoje ligado à Fundação Estatal de Saúde (FeSaúde), para oferecer gratuitamente aulas semanais de fotografia para usuários da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município de Niterói.

Figura 2 - Notícia sobre o Projeto Construção de Memórias



Fonte: Jornal O Globo, 13 de outubro de 2019

Para as fases iniciais do projeto, realizei um planejamento de treze aulas, que foi naturalmente modificado e adaptado de acordo com os interesses e sugestões da turma, sempre com a preocupação de fazer um diálogo entre as artes e outras áreas de conhecimento, para adequar a realidade e a curiosidade de cada participante, tentando relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social. Em cada aula abordamos, de forma teórica e prática, um novo tema sobre fotografia e artes visuais, que vão desde a História da Arte e da Fotografia até a técnica de como fotografar.

O QUE É FOTOGRAFIA PARA VOCÊ? Com esta frase iniciamos a primeira aula do Projeto Construção de Memórias, que aconteceu no dia 12 de abril de 2019. De nossa parte não havia certeza de que já neste primeiro dia teríamos participantes, tendo em vista que a oficina aconteceria na SFF, lugar que a maioria não conhecia e distante da residência de alguns. Para nossa surpresa alcançamos o número de dez pessoas inscritas, aumentado para vinte antes de terminar o primeiro mês. Até o início da pandemia, março de 2020, chegamos a vinte e sete inscrições, onde cerca de vinte alunos participavam regularmente, ou seja, quase não houve evasão. Para esta

primeira aula, o planejamento foi conhecer um pouco os interesses dos participantes e tentar entender o que os motivou a ingressar no projeto. Nossos objetivos com a aula eram a interação de cada participante com os demais e que eles pudessem começar a conhecer os princípios básicos da fotografia, alguns fotógrafos e suas obras e ainda, praticar um exercício de retrato em estúdio. A estratégia escolhida foi iniciar com uma dinâmica de apresentação com roda de conversa, que era algo a que já estavam acostumados devido aos encontros que costumam frequentar no Centro de Convivência e para fugir do formato tradicional de sala de aula com carteiras viradas para frente. Provocamos o debate e o entrosamento, introduzindo perguntas-gatilho e apresentação de imagens projetadas, para que no momento da prática fotográfica em estúdio, todos tivessem o interesse em participar. O intuito era apresentar a prática fotográfica como algo lúdico e acessível. Ao se apresentar, a maioria respondeu que gostaria de aprender uma arte, mas que também usaria a fotografia profissionalmente para conseguir uma renda extra para a família. Todos chegaram muito tímidos, mas rapidamente se soltaram e interagiram comigo e com o restante do grupo.

A primeira pergunta que deveria ser respondida junto com a apresentação foi sobre o que eles entendiam como fotografia. E as respostas foram interessantes, disseram frases como “momento que fica para sempre”, “lembrança da infância dos filhos”, “recordações”, “momentos felizes”, “arte”, “representação de um momento único” e “ninguém vive o mesmo momento duas vezes.” O curioso foi notar que alguns deles se prepararam em casa para este primeiro encontro, fazendo pesquisas na internet sobre fotografia e na roda de conversa comentaram suas descobertas e mostraram interesse por fotografia clássica analógica e laboratório químico, que segundo Renato, um dos participantes, “tem que ser em um quarto escuro com uma lâmpada vermelha” e relatou ter desenvolvido esse interesse ao lembrar que, quando criança, seu pai fotografava com uma câmera de filme. Outros comentaram sobre fotos famosas que nunca esqueceram, citaram, por exemplo, uma foto do ex-presidente Juscelino Kubitschek, a de uma criança na guerra do Vietnã e as fotografias das Olimpíadas que aconteceram no Brasil. Nosso segundo encontro percorreu o tema composição fotográfica e perguntados sobre o que eles entendiam por composição, tivemos como respostas: “ao redor”, “quando monta a imagem na fotografia”, “luz”, “música”, “cor”, “organização da cor e do foco” e “paisagem”. A partir dessas palavras fomos mostrando exemplos e comentando o tema até finalizar com atividades práticas, onde eles deveriam criar imagens fotográficas tentando aplicar o

que foi discutido ao longo do encontro.

Figura 3 - Fotografia realizada durante a aula de Composição Fotográfica.

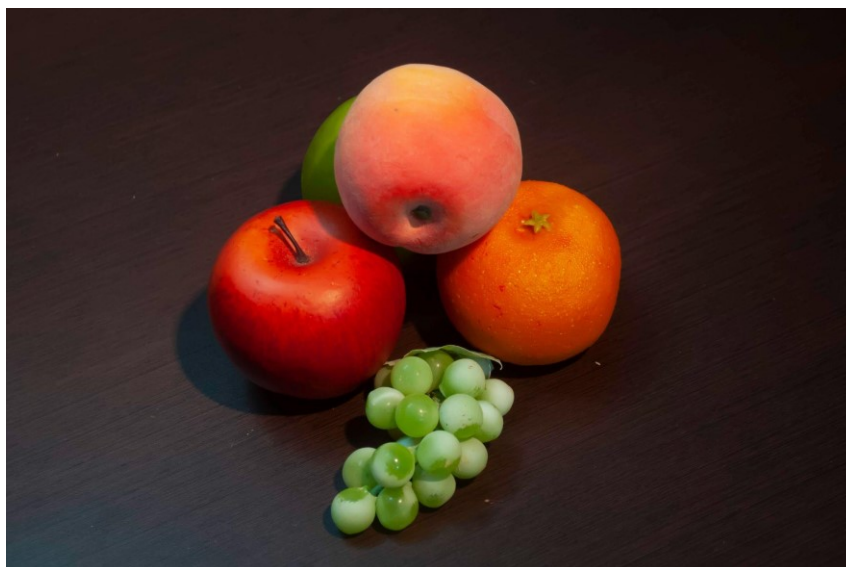


Foto: Coletivo Construção de Memórias (2019) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

A cada semana o grupo ficou mais integrado, em consequência maior foi a participação e a produção de trabalhos cada vez mais interessantes. Abordamos, em aulas teóricas e práticas, diversos temas sobre Fotografia e Artes Visuais, mas deixando espaço para a livre criação da turma, que se tornou coautora dos planejamentos das aulas seguintes. Muitos se interessavam por trazer temas que gostariam de discutir ou ideias para atividades práticas. Podemos citar como exemplo o encontro de número onze, realizado em julho de 2019, onde retomamos, a pedido de alguns participantes, o tema Composição Fotográfica, mas agora aplicado ao retrato, para que pudessem utilizar acessórios e fantasias na criação de suas fotografias. Como a sugestão foi dada e acolhida na aula anterior, todos levaram algum enfeite carnavalesco ou item de vestuário para compartilhar e contribuir para a dinâmica.

Figura 4 - Imagem da oficina de Composição no Retrato.



Foto: Mariana Pêgas (2019) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 5 - Montagem com duas fotografias realizadas durante a oficina.



Foto: Coletivo Construção de Memórias (2019) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Percebemos que nosso grupo já estava se tornando rede, quando, na terceira aula, demos a opção de cada um escolher uma fotografia das aulas anteriores para ser revelada e levada como lembrança e **todos** escolherem uma foto onde o grupo aparecia reunido.

Figura 6 - Fotografia dos participantes da oficina.



Foto: Coletivo Construção de Memórias (2019) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

A aula que, segundo a maioria da turma, foi uma das mais divertidas, a ponto de pedirem para repetir na semana seguinte para que os amigos faltantes também pudessem realizar, foi sobre *Light Painting*, uma técnica onde se fotografa no escuro, com um longo tempo de exposição, desenhando as imagens com uma lanterna. O objetivo desta atividade foi experimentar a ludicidade, explorar os recursos da câmera fotográfica profissional e aplicar os elementos do desenho. Isto após uma explicação teórica com projeção de imagens.

Figura 7 - Imagens criadas com a técnica Light Painting.

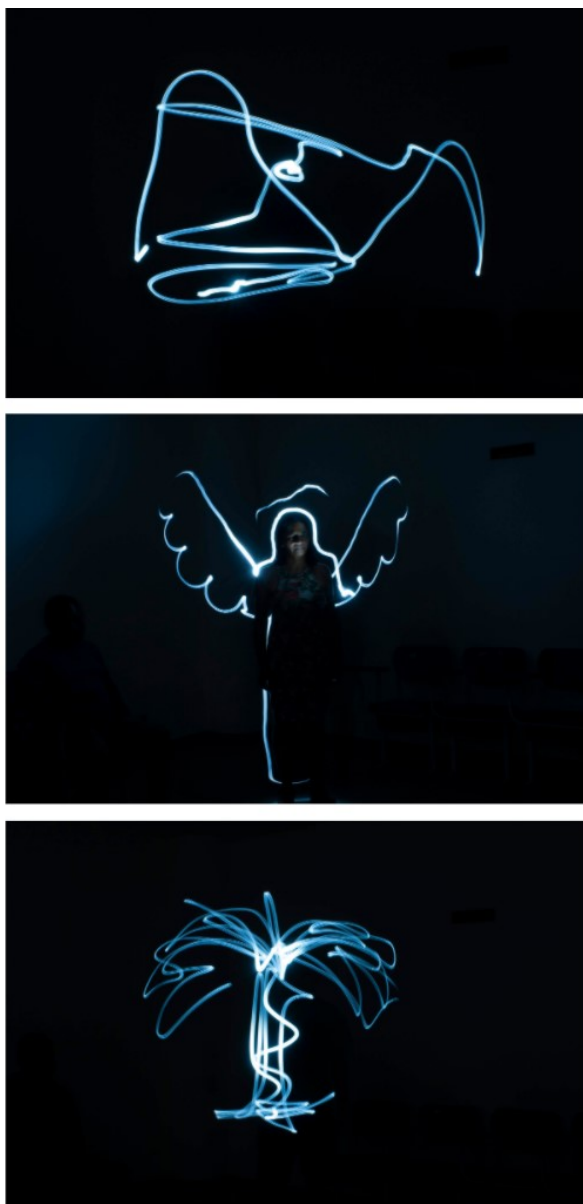


Foto: Coletivo Construção de Memórias (2019) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Outro tema que despertou bastante interesse e participação ativa da turma foi a fotopintura. Para esta atividade utilizamos quatro encontros. O primeiro para a teoria e a feitura de fotografias em preto e branco que seriam, em aulas posteriores, base para a pintura. Nos dois encontros seguintes os alunos puderam pintar com giz pastel sobre as imagens em escala de cinza impressas em papel de desenho e depois fotografaram utilizando uma mesa de reprodução fotográfica e uma câmera digital.

Figura 8 - Imagens de algumas fotopinturas realizadas no projeto.



Foto: Coletivo Construção de Memórias (2019) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

O encontro de número onze, que aconteceu em julho de 2019, teve como tema Fotografia e Contação de Histórias, com o objetivo de exercitar o faz de conta e a construção de narrativas visuais, além de estimular a produção de trabalho em grupo com autoria compartilhada. A turma foi dividida em três grupos, cada um com a missão de inventar uma história de tema livre, anotar as decisões tomadas em conjunto e contar essa história produzindo imagens fotográficas. O tema escolhido pelo primeiro grupo foi a “tentativa frustrada de um deles fazer amizade com uma cachorrinha”, a do segundo foi “Natal” e a do terceiro foi “amizade”.

No encontro de número dezenove, que ocorreu em setembro de 2019, o tema foi a Fotografia Encenada, com o objetivo de discutir os conceitos de construção de identidades, realidade e ficção, com base nos trabalhos das artistas Cindy Sherman e Julia Margaret Cameron, que foram projetados durante a explicação teórica. E ainda, relacionar a fotografia encenada com os *cartes-de-visite* franceses e as fotografias das redes sociais, além de desenvolver processo de criação em artes visuais de modo coletivo e colaborativo ao realizar uma atividade em grupo. Após a teoria, a turma foi dividida em três grupos para a atividade prática, onde deveriam inventar um personagem e suas características, para que, após a escolha dos acessórios que estavam disponíveis, eles deveriam representar e fotografar. Os personagens dos dois primeiros grupos a se apresentar foram um bruxo e um pirata, já no último grupo, todos decidiram encenar e formar Lampião, Maria Bonita e seu cangaceiro. Recebi a seguinte anotação deste grupo:

Lampião e os cangaceiros do Norte tinham raiva dos policiais. Matava a sangue frio. Casou-se com Maria Bonita, perdeu uma visão ao ser perseguido em confronto no cerrado em um espinho de mandacaru, entrou em vários estados, menos na cidade de São Luiz do Maranhão. Virgulino era o seu nome, mais conhecido como Lampião o Rei do Cangaço, Quando saía para confronto com outros, pedia, mandava colocar o salto das sandálias para a frente para quem os seguissem irem ao contrário dele. Morreu em confronto com os macacos, como ele chamava os policiais.⁴²

Em seguida temos a fotografia deste trabalho descrito acima⁴³:

⁴² Texto produzido em aula por um dos grupos.

⁴³ Na imagem os rostos parecem desfocados para preservar a identidade dos alunos.

Figura 9 - Trabalho em grupo realizado na aula de Fotografia Encenada, onde os participantes escolheram como personagens um cangaceiro, Maria Bonita e Lampião, nesta ordem.



Foto: Coletivo Construção de Memórias (2019) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

O pedagogo francês Fernand Deligny, nos anos de 1970, em uma das suas experiências e pesquisas sobre saúde mental, passou alguns anos trabalhando com crianças com transtornos do espectro autista (TEA) que não falavam, em Cévennes. A partir das vivências desse encontro, escreveu “O Aracniano⁴⁴”, uma escrita poética somada a desenhos, mapas e fotografias, que retratam seu convívio com essas crianças e sua observação do comportamento delas. Nessa escrita, apresenta a metáfora do “aracniano” para expressar sobre um viver em rede, construir uma teia como a da aranha e respeitar outros modos de existir no mundo. Deligny comparava o movimento das crianças com transtornos do espectro autista (TEA) com o tecido de uma teia de aranha, onde cada fio da teia representava um padrão de movimento ou comportamento. Ele acreditava ser fundamental observar e compreender esses padrões de movimento para entender a experiência daquelas crianças e para a adaptação do ambiente para atender às suas

⁴⁴ DELIGNY, F. *O Aracniano e Outros Textos*. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: Nº1 edições, 2015.

necessidades. E a formação dessa teia ou rede seria algo natural resultante da existência e do convívio, independente de uma intenção, de um “projeto pensado,” acreditando na persistência do inato. Como uma aranha não teria a intenção de tecer sua teia, essas crianças observadas e os demais conviventes daquele espaço estariam construindo suas redes independentemente de um querer fazer e da finalidade do agir. Rede para Deligny é “um modo de ser.”⁴⁵ No projeto Construção de Memórias, adotamos a mesma postura, de tentar compreender e respeitar os comportamentos individuais de cada participante, ao invés de tentar mudá-los para que se adequem às normas convencionais.

É interessante perceber na prática nesse projeto vivo / escola / laboratório, como a arte pode ser potente para desenvolver as subjetividades e expressar a criatividade, promovendo deslocamentos para as mais variadas situações da vida cotidiana e do imaginário, inclusive das pessoas com transtornos mentais, possibilitando que sujeitos marcados pelo sofrimento e pelo estigma da loucura, possam ocupar os espaços que desejarem dentro da sociedade.

Continuando o tema de identidades, começamos a trabalhar o autorretrato e a imagem que se tem de si. E junto com a entrega de um dos trabalhos, recebi o texto que transcrevo partes a seguir:

Quem sou eu? Ou quem eu sou? Eu sou uma pessoa comunicativa e gosto de tudo o que é bom, como comer bem, beber bastante água, beber minha cachacinha, ter boas amizades (...), ajudar no possível a quem me procura, com palavras e experiências de vivências (...)⁴⁶

B., autor das palavras acima, é um senhor com dependência em álcool, que em um dos encontros, tentou, sem sucesso, comprar uma dose de bebida alcoólica na cantina da instituição, no intervalo da aula. Este fato fez com que o CECO me convidasse para uma reunião com uma equipe multidisciplinar contendo agentes de cuidado de diferentes instâncias que convivem com ele, para discussão sobre as melhores formas de lidarmos com seu comportamento. Lá, me contaram que B. é muito agitado e que “dá trabalho” em todos os projetos, que sempre reclama e briga etc. O que me causou grande surpresa, porque no curso de fotografia ele era o mais gentil e o mais participativo. Todos os dias antes da aula começar, ele fazia a leitura

⁴⁵ DELIGNY, F. *O Aracniano e Outros Textos*. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: N°1 edições, 2015. p. 15

⁴⁶ Trecho de texto produzido em aula por um dos participantes.

dos informes com todos os eventos da Rede de Saúde que aconteceriam na semana seguinte, convidando todos os colegas para participar. Durante as rodas de conversa, ele sempre tinha comentários interessantes ou lia em voz alta algum texto que escreveu sobre o tema do encontro. Nas atividades práticas gostava de fotografar e mais ainda de posar para as fotografias dos colegas. Ali entendemos que, nas oficinas de fotografia, ele se sentia à vontade em ser ele mesmo, de ser o B. autoral. Nas suas idas ao Centro de Convivência, contava sobre o curso de fotografia, contou que ouviu da professora que no Caminho Niemeyer, perto do estacionamento onde ele trabalhava, tinha uma obra de arte com uma escada, que, ao ser fotografada, parecia alcançar o céu. No encontro que fizemos para apresentação dos projetos fotográficos autorais que cada um estava desenvolvendo, B. apresentou um trabalho muito sensível. Ele comentou que todos os dias de manhã, quando ele saía de casa, via um menino, com cerca de três anos de idade, sentado na escada que existe nas proximidades, e que o menino abria um sorriso e falava “bom dia” sempre que o avistava. Segundo B. aquela imagem alegrava seu dia, então seria o melhor tema para seu trabalho. Então B. fotografou o menino e depois deu a câmera para que o menino também o fotografasse. Imagens de como um via o outro todas as manhãs. Na referida reunião de acompanhamento, foi falado que B., em suas idas ao CECO, dizia que a bebida o definia, que era sua clínica, que fazia parte de quem ele era e que por isso, “é tão difícil de deixar”.

Um outro modo poético de olhar a prática de cuidado em saúde é o trabalho realizado pelo médico e artista plástico pernambucano Lula Wanderley, criador, no final dos anos de 1980, do Espaço Aberto ao Tempo, no Instituto Nise da Silveira, no Engenho de Dentro - RJ. Lula passou a utilizar os “Objetos Relacionais” da artista Lygia Clark como parte de sua prática terapêutica expandida e “por meio da produção do que chama de ‘zonas híbridas’, ele, como artista e psiquiatra, ativamente borra as categorias do que é ou não arte e do que é ou não clínico.”⁴⁷ Lula Wanderley trabalha com sensibilidade e disponibilidade para afetar e ser afetado.

Deixo claro que, quando trabalho com pessoas em sofrimento psíquico, não busco a dinâmica do psiquismo (como um psicanalista) ou os aspectos biológicos do sofrimento psíquico (como um psiquiatra): trabalho com a comunicação. (...) Procuro me despir de qualquer querer (teorias, projetos,

⁴⁷ CABANAS, K. M. no Prefácio do livro WANDERLEY, L. Cabañas, Kaira M. (org.) *No silêncio que as palavras guardam*. São Paulo: n-1 edições, 2021. p. 8.

traçados), colocando-me à disposição para ser impressionado pelo sofrimento e, a partir desses riscos (traços) e registros, propor experiências subjetivas de diálogo. **Transformo, assim, minha sensibilidade em um instrumento de trabalho**, aproximando a posição de terapeuta à de um poeta que trabalha com a noção de “poiesis”: a construção poética é simultânea à construção de linguagens. **Trabalho como quem cria um poema e descrevo esse trabalho como quem conta uma história.**⁴⁸ (grifos nossos)

O Construção de Memórias não se trata de um projeto de arte terapia, não sou terapeuta. Mas procuro ao máximo estimular a comunicação, principalmente por meio de imagens, já que trabalhamos com fotografia. Procuro criar um ambiente onde os participantes se sintam acolhidos e seguros para serem quem são e que possam expressar seus sentimentos, sempre respeitando que as pessoas são diversas.

Uma das minhas maiores dificuldades enquanto recém atuante em projetos de saúde mental, foi saber o limite entre dar e receber afeto e manter um necessário afastamento como professora. No terceiro encontro, recebi a notícia de que J., um dos participantes mais ativos e interessados da oficina, havia passado por um “surto” (palavras da funcionária do CECO que acompanhava o grupo) em sua última consulta com seu psicólogo e estava desaparecido desde então. A notícia me desestabilizou emocionalmente a ponto de eu me questionar se estaria preparada para continuar trabalhando com arte e saúde. Não tendo acesso aos diagnósticos médicos dos participantes, tudo que sei sobre a saúde ou sobre a vida pessoal de cada um deles é o que eles próprios ou seus familiares me contam espontaneamente. Mas, por ser Niterói uma cidade relativamente pequena e a SFF um local muito frequentado, por vezes alguns dos participantes acabam encontrando algumas pessoas conhecidas. Assim, um dos participantes do projeto foi reconhecido pelo funcionário da cantina, que morava na mesma comunidade que o participante. Após o final da aula, o funcionário me contou que ouviu falar na comunidade que esse participante já tinha sido preso por roubo e tráfico de drogas, pois os traficantes da comunidade, se aproveitavam por ele ter laudo psiquiátrico, e, portanto, ser inimputável criminalmente, para colaborar na prática de crimes. Mais uma situação em que eu não tinha certeza sobre como deveria agir, então informei ao funcionário que eu não me interessava pelos boatos que existiam sobre as vidas pessoais dos participantes do projeto e que

⁴⁸ WANDERLEY, L. Cabañas, Kaira M. (org.) *No silêncio que as palavras guardam*. São Paulo: n-1 edições, 2021. p.37.

ali todos eram apenas estudantes e deviam ser tratados da mesma forma que todos os outros alunos dos cursos ministrados na instituição.

Entendemos que projetos de arte-cultura realizados em parcerias com órgãos ou instituições de saúde mental podem atuar como um potente recurso de exercícios de deslocamentos para as mais variadas situações da vida cotidiana da pessoa em sofrimento psíquico, para que possam exercer em plenitude sua cidadania. Uma das estratégias para atrair o interesse dos participantes do projeto, foi a realização de atividades conjuntas com projetos do CECO. Como exemplo podemos citar a aula sobre fotografia de produtos, onde fotografamos os doces feitos pelo projeto “Delícias da Convivência”, que consiste na feitura de doces para gerar trabalho e renda para os usuários dos serviços da saúde mental. Outro exemplo de integração entre projetos foram as saídas fotográficas práticas que realizamos nos ensaios e desfile do bloco de carnaval “Loucos pela Vida”, também do CECO Niterói. Realizamos, ainda, ensaios fotográficos com o mesmo tema do samba-enredo do bloco, que foi “Minha alucinação é suportar o dia a dia.” Cada um dividiu uma folha de papel ao meio, onde do lado esquerdo deveria listar tudo o que é difícil de suportar em seu cotidiano e do outro lado, como poderia transmitir isso em imagens. Em seguida realizou-se a prática fotográfica com os temas que emergiram das anotações.

As aulas do Projeto Construção de Memórias são voltadas para a criação e para a descoberta, com o intuito de estimular a pesquisa, sempre buscando atividades que se adequem à realidade de cada participante, como por exemplo, o uso de comunicação alternativa para inclusão de alunos pouco oralizados. Um dos participantes, por exemplo, possui condições restritivas de fala. Entende tudo, mas oraliza pouco. Apesar da fala ser comumente vista como algo importante no âmbito da sala de aula, outros meios podem e devem ser utilizados para melhorar o processo ensino-aprendizagem. Entendemos ser fundamental ter atenção às outras manifestações dos estudantes, como expressões faciais e corporais, gestos, sinais, vocalizações etc. Como na oficina trabalhamos com imagens, torna-se mais simples essa comunicação não verbal. Mais que tentar interpretar os participantes, entendemos necessário criar uma conexão com eles.

Neste sentido, nossa inspiração foi o trabalho da Dra. Nise da Silveira na seção de terapêutica ocupacional que dirigiu de 1946 a 1974 no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, onde hoje funciona o Museu de Imagens do Inconsciente. Segundo a própria Dra. Nise, seu “interesse maior desde cedo se dirigiu no sentido

de penetrar, pouco que fosse, no mundo interno do esquizofrênico”⁴⁹ e que o atelier de pintura e de modelagem que ela instituiu, era uma “escola viva” onde ela pôde ir de encontro com os pensamentos de Jung, que para ela, em seu método de investigação, “não lhe faltava o calor humano de ordinário ausente nos tratados de psiquiatria.”⁵⁰ Nos parece que para Nise, a arte possibilitaria que os pacientes conseguissem expressar conteúdos não verbalizáveis e que poderia auxiliar na ressocialização, vejamos:

O atelier de pintura me fez compreender que a principal função das atividades na Terapêutica Ocupacional seria criar oportunidades para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam as preocupações com a ressocialização.⁵¹

Nossa preocupação nunca foi meramente estética, o propósito das atividades era estimular a produção da subjetividade e a leitura do mundo por imagens, além da garantia do exercício da cidadania. Cada participante se inclinou para um tema e modo de fazer fotográfico e a partir daí foram estimulados à criação de projetos artísticos autorais. Uns se interessavam mais por pessoas, outros por objetos ou paisagem, ou até mesmo abstrações e temas poéticos, de acordo com a própria vivência, de forma que foi possível, por vezes, reconhecer a autoria das fotografias nos arquivos diversos gerados por uma câmera fotográfica compartilhada.

A avaliação de cada aula e atividade, no Projeto Construção de Memórias, aconteceu de forma processual, ao tentar perceber o interesse e a participação, além de observar a forma que organizam as ideias e como interagem com a turma e se os participantes utilizaram os conceitos discutidos durante o encontro na realização dos trabalhos práticos. A avaliação também é feita de forma coletiva, sempre perguntando o que eles aprenderam e o que têm para contribuir com os debates, sempre respeitando o silêncio que alguns preferem praticar.

⁴⁹ SILVEIRA, N. da. *Imagens do Inconsciente*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2018. p. 11.

⁵⁰ *Ibid.* p. 11.

⁵¹ *Ibid.* p.p. 13 e 14.

Figura 10 - Fotografia realizada durante uma das oficinas do Projeto Construção de Memórias.



Foto: Coletivo Construção de Memórias (2019) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

A fotografia acima é de autoria coletiva e compartilhada por ter sido pensada e construída em conjunto por todos os participantes presentes. Foi realizada em uma mesa de reprodução fotográfica ao final da atividade de fotopintura, em julho de 2019, onde, após fotografar em preto e branco e imprimir, puderam interferir com giz pastel.

Nosso último encontro presencial dessa primeira etapa do projeto aconteceu poucos dias antes do início do isolamento social forçado pela pandemia do COVID-19. Já se falava do vírus até então desconhecido por nós, então a aula se deu ao ar livre no pátio da SFF, com cadeiras afastadas e organizadas em círculo. Como não se sabia ao certo quanto tempo duraria essa suspensão das atividades presenciais, aproveitamos essa roda de conversa para escolher o tema da exposição fotográfica que o grupo faria na SFF, com abertura em maio, durante a Semana da Luta Antimanicomial e os temas sugeridos e escolhidos pelos alunos foram **afeto** e **memória**. Um fato curioso deste encontro foi que um dos alunos regulares não esteve presente. Sua mãe, que sempre o acompanhou, informou que ele tinha começado a trabalhar informalmente em uma marcenaria, mas que ela gostaria de continuar frequentando as aulas independente do seu filho.

Em março de 2020 fomos surpreendidos pela pandemia da covid-19 que ocasionou um período muito grande de isolamento social. Para que o trabalho não fosse interrompido, os encontros seguiram de forma virtual, utilizando a ferramenta de grupo em um aplicativo de mensagens. Mas, esbarrou-se aí com diversos percalços. Alguns inscritos sequer tinham aparelho de celular ou quando tinham, não havia acesso à internet. Assim o número de participantes ativos reduziu muito. Porém, aqueles que tiveram a possibilidade de continuar virtualmente durante o isolamento, produziram trabalhos muito sensíveis e potentes, como podemos ver abaixo:

Figura 11 - Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Fotos: Breno e Zilma Mattos (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 12 - Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Fotos: Pedro Otávio (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 13 - Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Foto: Renato Barbosa (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 14 - Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Fotos: Marcos Vinícius (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 15 - Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Fotos: LuAlmirante (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 16 - Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Foto: Eliane M. (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 17 - Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Fotos: Josi Dantas (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 18- Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Fotos: Pedro Otávio e Luiz Eduardo (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

Figura 19 - Trabalho desenvolvido durante o isolamento social da pandemia da covid-19.



Fotos: LuAlmirante (2020) | Fonte: acervo do projeto Construção de Memórias.

A segunda edição do Projeto Construção de Memórias iniciou em setembro de 2023, após ser selecionado na Chamada Pública SMS/FMS/FeSaúde/SMC 01/2022 da Prefeitura de Niterói. Para o edital, a proposta foi a execução de um Curso de Fotografia semanal e gratuito, com duração de quatro meses a ser realizado na sede da Sociedade Fluminense de Fotografia, para usuários da Rede de Atenção Psicossocial do município de Niterói e seus familiares que eventualmente os acompanhassem, sendo eles frequentadores do Centro de Convivência e Cultura de Niterói (CECO Dona Ivone Lara) ou pacientes dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade. À SFF coube disponibilizar toda estrutura para que as oficinas acontecessem, fornecendo suporte para que os participantes pudessem expressar livremente suas subjetividades em locais adequados para o aprendizado e para a prática fotográfica, como estúdio e equipamentos fotográficos e a mim coube a condução das oficinas e a produção do projeto. O curso aconteceu entre os meses de setembro a novembro de 2023 e em janeiro de 2024. Participaram das oficinas alguns participantes da primeira edição do projeto e outros recém-chegados. Ainda dentro do projeto, foi prevista uma exposição com uma seleção dos trabalhos realizados durante as aulas com cerimônia de entrega de certificados, agendada para 26 de abril de 2024 e a escolha das fotografias e o desenho expográfico ficou a cargo do curador da instituição, Antonio Paiva.

Dentre os novos participantes estão dois meninos, amigos, aparentando uns 20 e poucos anos de idade, vindos do interior de Minas Gerais na tentativa de melhores oportunidades de trabalho. Mas aqui, se tornaram dependentes químicos e um deles afirmou que durante um período, precisou morar na rua e sobreviver da prostituição. Ao iniciar o acompanhamento na RAPS, conseguiram vaga em um dos abrigos municipais e passaram a vender balas no sinal de trânsito. Os dois eram assíduos nas oficinas de fotografia e sempre com brilho nos olhos de vontade de aprender. Comentaram, mais de uma vez, que seria muito importante para eles, o recebimento do “diploma de fotógrafo.”

2.2 Casa Ateliê UERJ

Casa Ateliê UERJ é um projeto de pesquisa universitária, onde sou voluntária desde 2020, coordenado pela Dra. Denise Espírito Santo, professora do Instituto de Artes da UERJ e minha orientadora nesta pesquisa. O projeto realiza atividades e oficinas artísticas dentro de duas unidades do Hospital Pedro Ernesto (HUPE/UERJ), sejam eles o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) e Unidade Docente Assistencial de Psiquiatria (UDA de Psiquiatria / HUPE). No âmbito das atividades realizadas na Vila da Psiquiatria da UDA de Psiquiatria, do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da UERJ, poderíamos destacar dois projetos que têm sido responsáveis pela adaptação de uma das casas para a criação de um ateliê de artes que vem oferecendo desde 2015 oficinas de cerâmica, fotografia, desenho e, mais recentemente, de canto e musicalização, para os usuários dos serviços de saúde mental daquela unidade, o "Ateliê de Múltiplas Linguagens", iniciado com a conquista de um edital da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Originalmente o projeto tinha em sua equipe os professores do Instituto de Artes da UERJ, Aldo Victorio e Denise Espírito Santo, além do professor da Faculdade de Medicina Paulo Roberto Pavão, na época diretor daquela unidade psiquiátrica, Aída Dutra, terapeuta ocupacional, Mariana Novaes, doutoranda em Artes e ceramista, e o médico residente Felipe Feldman. Em 2018, o "Casa Ateliê", sob coordenação da prof.^a Denise Espírito Santo, passa receber apoio também do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), possibilitando, assim, a ampliação de suas atividades para atender mais uma unidade de saúde do HUPE, o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), onde as oficinas são oferecidas aos jovens pacientes e acompanhantes nos corredores dos ambulatorios, enquanto aguardam atendimento médico. É um projeto de pesquisa universitária pensado para que estudantes de Artes Visuais tenham a oportunidade de praticar o processo ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo oferecer aos usuários dos serviços de saúde do NESA e UDA HUPE a possibilidade do fazer artístico.

Figura 20 - Fotografia realizada durante a oficina de música do Casa Ateliê - UERJ.



Foto: Mariana Pêgas (2022) | Fonte: acervo do projeto Casa Ateliê.

Minha primeira visita à Vila da Psiquiatria do HUPE ocorreu no dia 09 de março de 2022. Uma vila de casinhas amarelas, com aparência residencial, de forma que, se não fossem os portões e os uniformes, poderíamos esquecer que estávamos dentro de um hospital. Enquanto eu caminhava pelo hospital até chegar na parte da vila, lembrei que a última vez que eu tinha entrado ali foi em 27 de fevereiro de 2015, dia em que meu pai faleceu segurando minha mão. Senti um misto de sentimentos durante aquela caminhada de poucos minutos. Veio também a lembrança de que naquela época eu estava deixando minha antiga profissão para seguir os caminhos das artes e da licenciatura. Lembrei de quando ingressei na UERJ em 2014 e assisti diversas palestras na semana de abertura das aulas e que a que tinha mais chamado minha atenção foi sobre arte e saúde mental, feita por uma veterana do curso. Comecei a estudar sobre o assunto, mas acabei me debruçando mais sobre outras demandas. Curiosamente, estava eu em 2022 percebendo que a vida, após muito desenrolar, tinha me trazido de volta aos estudos desse tema. Entrando na casa que virou ateliê tive a feliz surpresa em ser um espaço alegre e acolhedor, mas me assustei ao ver o grande número de pessoas internadas naquele setor. Talvez a

pandemia tenha influenciado essa situação. O espaço, que é coordenado pela terapeuta ocupacional Aída Dutra, é amplo e bem equipado com materiais e recursos didáticos para oficinas das mais diversas artes, inclusive fotografia com câmeras profissionais e computador. A principal atividade é a cerâmica com todo material necessário disponível, inclusive forno. Mas o que mais impressiona é a riqueza do acervo de obras realizadas lá.

Figuras 21, 22, 23, 24 e 25 - esculturas realizadas na oficina de cerâmica do Casa Ateliê





Fotos: Mariana Pêgas (2022) | Fonte: acervo do projeto Casa Ateliê.

Antes da prática artística, é feita uma leitura comentada de poesias escolhidas por cada um, o “Café Literário”, conduzido pela própria Aída Dutra. Um pouco afastada, uma conversa entre eles roubou minha atenção. “Como está lá fora? Você está morando aonde? Eu vou sair daqui uma semana”. Mas na semana seguinte essa pessoa ainda estava lá e novamente falou que sairia na próxima semana. Dos projetos que participo, este é o único que acontece dentro de uma instituição psiquiátrica. Ainda que as internações sigam as diretrizes da Reforma Psiquiátrica de não ultrapassar

trinta dias, ainda existe o peso de estar trancado. Percebo em todos os encontros, que acontecem semanalmente, alguém falando que “semana que vem terá alta.” Toda essa esperança, mesmo que ilusória, da liberdade próxima, talvez faça com que a pessoa resista ao confinamento. Na parte da atividade literária que precede a atividade artística, os participantes são estimulados a falar e C.⁵² contou que tem dificuldade de lidar com a realidade, então esquece que sonha, que esquecer não pesa, mas que acorda cansado e que “a cama não é lugar pra se preocupar”. O texto que ele tinha escolhido para ler falava sobre um sonho dentro de outro sonho e sobre a mistura entre sonho e realidade. P. contou que é físico e L. falou que existem vários aspectos sobre a liberdade e que acha interessante tudo o que ela pode proporcionar. Enquanto W. diz que precisa superar um momento difícil para se sentir livre para voltar a circular e que “nada como um dia após o outro”. Curiosamente na prática artística, muitos desenharam triângulos quando quiseram se expressar sobre os sonhos.

Em outro dia, uma das meninas, uma das mais jovens, comentou que quando escuta que o que ela está passando é uma fase, se sente invalidada, que “a palavra fase invalida a dor interna que ninguém consegue ver. Para a dor da saúde mental não adianta colocar um gesso para curar”. Segundo ela, com a pandemia, muitos de seus amigos passaram a desenvolver depressão ou ansiedade e que assim eles passaram a entendê-la um pouco melhor.

Na primeira oficina de fotografia que realizei no ano de 2022 no Casa Ateliê UERJ, a proposta foi fazer uma imagem que os representasse. B., que estava passando por uma internação temporária, ao realizar seu trabalho sobre identidades, fez questão de trocar sua roupa hospitalar por um vestido longo e colorido que tinha guardado em sua bolsa, além de querer arrumar o cabelo e passar batom. Segundo ela, não poderia fazer seu autorretrato com uma roupa com a qual ela não se identificava, “o uniforme não me define” (palavras dela). Como não conseguiu o aval da terapeuta, foi buscar seu direito, perguntando a várias pessoas no hospital até conseguir a autorização para a troca da roupa e finalmente, fazer seu retrato. Outro exemplo foi o trabalho do C., um jovem que, apesar de ter tido alta, costuma voltar ao hospital para as oficinas artísticas. Ele escolheu fotografar de perto uma planta, de forma que não desse para identificar na fotografia que se tratava do hospital, pois ele

⁵² Ocultamos aqui os nomes dos participantes para respeitar as regras éticas do hospital.

via aquele espaço como um local de passagem e, portanto, não iria definir o que ele realmente é e a imagem que quer passar.

Figura 26 - Imagem feita na Oficina de Fotografia do Casa Ateliê.



Fonte: acervo do Projeto Casa Ateliê (2022)

B. me contou que foi convidada para estudar som na NASA, mas que ninguém acredita nela porque ela é maluca. Que seu marido trabalha com som, então, ela não contou sobre o convite, para ele não saber que ela é melhor que ele no assunto. Que ela é boa em som porque tem ouvido absoluto, o que faz ela conseguir ouvir o som das formigas e até ouvir as falas da sua mãe, falecida em 2020 por COVID. Achei bonito pensar dessa forma, ela tem tanta sensibilidade que passou a ouvir com o coração. Passamos cerca de uma hora conversando sobre muitos assuntos. Fui atravessada muitas vezes por suas palavras, por vezes confusas, mas com uma interessante linha de raciocínio. No final, agradei a conversa e disse que gostei muito.

Ela retribuiu dizendo que também gostou e que a gente se deu bem porque nós duas somos professoras e reforçou o quanto é bonita nossa profissão.

2.3 Ateliê das Possibilidades

No ano de 2019, voltei minhas pesquisas e práticas para a interface entre arte-cultura e saúde mental, atuando nos projetos descritos acima e, durante esse percurso, idealizei o projeto Ateliê das Possibilidades, que consiste na realização de oficinas e atividades artístico-culturais para usuários da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município de Niterói e seus familiares.

O ateliê pôde iniciar suas atividades após ser selecionado na Chamada Pública SMS/FMS/FeSaúde/SMC 01/2022 da Prefeitura de Niterói, que possibilitou a realização de oficinas artísticas para a população em processo de desinstitucionalização, pessoas que passaram por internação de longa permanência no Hospital Psiquiátrico Jurujuba (HPJ) e agora vivem em condomínio no Serviço Residencial Terapêutico (SRT) do município.

Já em 2023, o Ateliê teve selecionado na Chamada Pública de Fomento - SMC 01/2023, o projeto “Geograficidade: fotografia e saúde mental em Niterói”, com a proposta de realização de passeios fotográficos com os usuários da saúde mental pela cidade, para elaboração de uma cartografia poética visual sob a ótica e o protagonismo de alguns usuários da Rede de Atenção Psicossocial de Niterói e de seus familiares, que será lançada como um livro na segunda quinzena de setembro de 2024.

Os projetos desenvolvidos pelo Ateliê das Possibilidades, visam proporcionar aos participantes um espaço de expressão, acolhimento, cuidado, afeto e exercício de cidadania, o que entendemos poder auxiliar no crescimento pessoal de cada um, no fortalecimento da comunidade e na diminuição de estigmas relacionados à saúde mental.

A justificativa para o projeto Ateliê das Possibilidades é fundamentada na necessidade de abordagens inovadoras e humanizadas no campo da saúde mental, alinhadas à trajetória da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica. As oficinas do projeto são individualizadas de acordo com as necessidades e interesses de cada

participante e podem englobar uma ampla gama de práticas artísticas para que possam se expressar de maneiras que talvez não consigam com palavras, permitindo que trabalhem sentimentos complexos, liberem emoções emocionais e descubram novas formas de se relacionar consigo mesmos e com os outros.

A escolha de iniciar as atividades do ateliê com um trabalho voltado para os moradores do Serviço Residencial Terapêutico se deu pelo fato das Residências Terapêuticas desempenharem um papel crucial na reintegração social e na promoção do bem-estar de pessoas que passaram por experiências de sofrimento psíquico intenso e que passaram a viver num ambiente terapêutico fora do hospital, seguindo a lógica da Reforma Psiquiátrica. O Serviço Residencial Terapêutico SRT, também conhecido como residência terapêutica ou simplesmente moradia, são casas localizadas no espaço urbano, alugadas pelo poder público municipal, para responder às necessidades de moradia de pessoas portadoras de transtornos mentais graves, que passaram pelo processo de desinstitucionalização. Foi uma das estratégias adotadas para fazer valer as regras da reforma psiquiátrica, onde a internação passou a ser medida de exceção e sempre temporária.

Após longos períodos de internações, muitos indivíduos enfrentaram dificuldades em se reintegrar à sociedade, tanto devido ao estigma associado à loucura, quanto às questões emocionais que podem ter acumulado ao longo do tempo. Eles podem se sentir isolados e encontrar barreiras para se integrarem novamente em suas comunidades. Nesse contexto, o projeto desempenha o papel de proporcionar um ambiente seguro e inclusivo onde os participantes possam, aos poucos, reconstruir suas habilidades sociais e interpessoais a partir do fazer artístico. As oficinas do projeto são individualizadas de acordo com as necessidades e interesses de cada participante e podem englobar uma ampla gama de práticas artísticas para que possam se expressar de maneiras que talvez não consigam com palavras, permitindo que trabalhem sentimentos complexos, liberem emoções e descubram novas formas de se relacionar consigo mesmos e com os outros. O projeto também enfatiza a importância do cuidado e do afeto. A criação de um espaço seguro e solidário, onde as pessoas possam se sentir aceitas e valorizadas pelo que são, é essencial para a construção da autoestima e do exercício da cidadania. Fizemos parceria com o Maloca Cultural, que é um Ponto de Cultura localizado na comunidade do Preventório, em Niterói. Eles cedem gratuitamente ao projeto um espaço com mesas, cadeiras e banheiro em seu quiosque localizado na Praia de Charitas. Antes

disso, tentamos ficar em um outro quiosque e, mesmo consumindo no local, não fomos bem recebidos, pois, no geral, a sociedade frequentemente mantém preconceitos e estereótipos negativos em relação às doenças psíquicas.

Figura 27 - Registro de uma das oficinas do Projeto Ateliê das Possibilidades em Charitas, Niterói.



Foto: Mariana Pêgas (2023) | Fonte: acervo do projeto Ateliê das Possibilidades.

Com as oficinas, percebemos que as pessoas que atualmente residem nas casas do Serviço Residencial Terapêutico vivenciam sua independência com algumas limitações diante das marcas da institucionalização. São pessoas que passaram por muitos anos de internação e que, por isso, perderam seu referencial de liberdade. Inegavelmente vivem muito melhor que na época dos hospitais, mas ainda muito marcadas por todas as consequências da vida manicomial somadas ao estigma da loucura atribuído a elas e pelos preconceitos em relação à raça e à classe social. A essência dos projetos de desinstitucionalização reside na quebra da relação entre doença e cura. É importante destacar que as dificuldades em superar o modelo manicomial vão além do simples fechamento de hospitais e abertura de novos serviços, pois envolvem a ruptura de uma lógica historicamente institucionalizada. A maior parte das pessoas que residem no SRT são negras e pobres, na maioria sem nenhum familiar vivo ou conhecido, conjunto de fatores que contribuem para sua marginalização.

Virgínia⁵³, moradora de uma das residências terapêuticas que frequenta as oficinas, está quase sempre com uma boneca no colo, dizendo que é sua filha. Ela é cuidadosa e trata seus amigos e colegas de casa como se fossem seus filhos. Um dos nossos encontros ocorreu no dia de São Cosme e Damião, então, quando parava um carro para distribuir doces para as crianças na rua, Virginia pediu doces e distribuiu aos seus colegas, com um ato maternal de cuidado. Em conversa informal com a acompanhante terapêutica do SRT que ela mora, soube que para muitos deles é difícil entender a Residência Terapêutica como “casa”, como “lar”, pois o conceito de casa que eles conheciam antes da internação era de local de convivência com a família. Após anos de internação, essas pessoas ou não têm mais familiares vivos ou foram abandonadas pelos que restaram. Iara, outra frequentadora do projeto, disse que no passado foi professora de educação infantil e lembrou do cheiro forte das provas copiadas no mimeógrafo.

Martha fez desenhos muito bonitos, sempre monocromáticos, geralmente com giz de cera preto ou azul marinho, escolhe sempre papéis grandes e com maior gramatura. Segundo ela, suas obras já foram expostas no Museu de Imagens do Inconsciente, então ela não poderia usar material ruim. O que mais me chamou atenção é que para todas as suas obras ela coloca um título poético, alguns fazendo referência a mitos ou à cultura afro-brasileira.

Em um dos nossos encontros, o quiosque onde fazemos as atividades estava fechado, então não tínhamos mesas disponíveis para a oficina do dia, que seria de pintura. Lembrei que eu levava na mochila uma câmera fotográfica de brinquedo que imprime instantaneamente a imagem em papel térmico, semelhante ao utilizado em máquinas de pagamento com cartão. A experiência anterior com fotografia com esse grupo, não tinha funcionado bem, pois não tiveram interesse em fotografar. Quiseram posar em uma única fotografia, mas não sentiram vontade de criar imagens. Mas, tentei mais uma vez nesse dia, devido ao imprevisto. Num primeiro momento ficaram um pouco desconfiados daquele aparelho com visual infantil, sem entender muito bem. Mas assim que viram a primeira impressão sendo feita, o interesse de todos foi despertado, inclusive das cuidadoras que os acompanhavam. Pela primeira vez,

⁵³ No que refere aos participantes do Ateliê das Possibilidades, optamos por utilizar nesta escrita os mesmos nomes que os participantes assinaram as suas obras artísticas e não somente a inicial como fizemos com os pacientes do HUPE, pois o ateliê acontece em locais abertos e não em instituições de saúde.

funcionárias do serviço de saúde também quiseram se juntar ao grupo e realizar a oficina. Um fez retrato do outro e quiseram levar as imagens como recordação.

Figura 28 - Reprodução dos retratos em impressão térmica realizados durante uma das oficinas do Projeto Ateliê das Possibilidades em Charitas, Niterói.

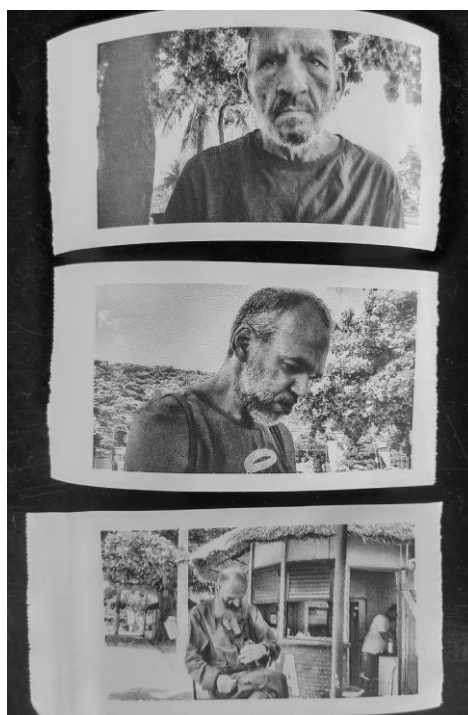


Foto: Mariana Pêgas (2023) | Fonte: acervo do projeto Ateliê das Possibilidades.

Pessoas em tratamento de saúde mental costumam ter dificuldade de entrar no mercado formal de trabalho e quando entram, muitas vezes têm medo de revelar sua condição devido ao medo de detecção, demissão ou redução de oportunidades de carreira. E ainda, no ambiente familiar, alguns membros da família podem não ter o conhecimento necessário sobre o assunto e, consequentemente, contribuir para o estigma e falta de apoio. O estigma pode levar ao isolamento social, tornando difícil para as pessoas em tratamento manterem relacionamentos saudáveis e conexões sociais. Nesse sentido, entendemos que o trabalho com arte pode ser muito potente, pois pode ser uma maneira tangível de mostrar os talentos e as capacidades das pessoas em tratamento, combatendo os preconceitos. A arte oferece uma saída criativa para a expressão de emoções complexas, permitindo que os indivíduos comuniquem sentimentos que podem ser difíceis de verbalizar. A experiência da realização de oficinas artísticas em ambientes de saúde ilustra o poder da participação

social na transformação de vidas e na construção de comunidades mais inclusivas. Ao dar voz aos indivíduos que enfrentam desafios de saúde mental, o fazer artístico abre oportunidades para a autoexpressão, para o empoderamento e a reintegração. Ao envolver a comunidade, promover o diálogo aberto e criar espaços de inclusão, abrimos caminho para a compreensão mútua, a desestigmatização e o desenvolvimento de abordagens mais humanizadas e eficazes para lidar com as questões de saúde mental. A participação social é fundamental para quebrar as barreiras que isolam as pessoas e para construir uma sociedade mais solidária e consciente das questões de saúde mental. A experiência artística pode enfatizar o empoderamento individual e o exercício da cidadania pelos participantes, permitindo que escolham suas atividades criativas e se envolvam em processos que estimulam seu protagonismo social e exercício da cidadania, o que desafia a abordagem convencional de cuidado paternalista.

Figura 29 - Cartaz da exposição de encerramento da primeira edição do Projeto Ateliê das Possibilidades em Charitas, Niterói.



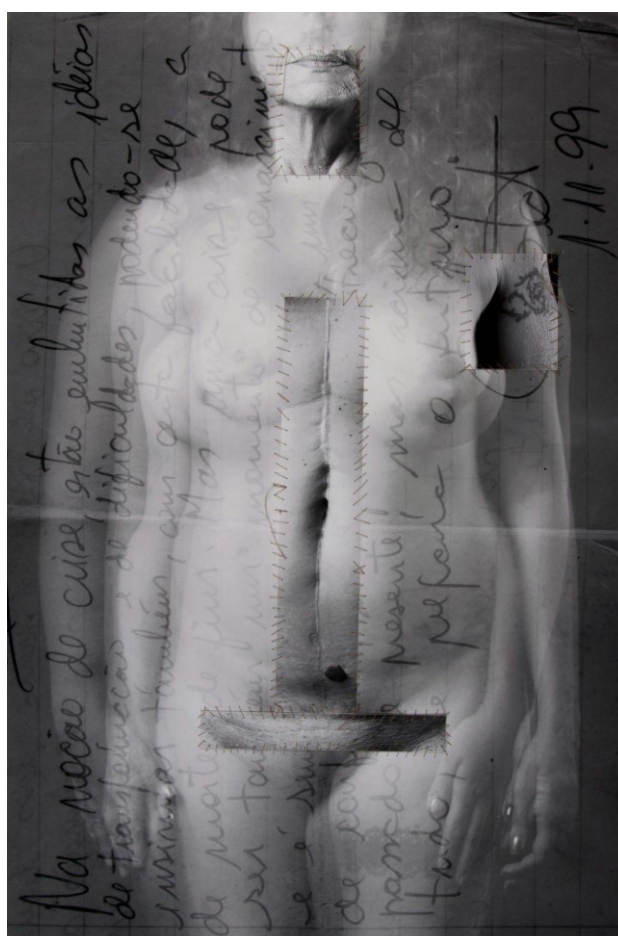
Imagem: Mariana Pêgas (2023) | Fonte: acervo do projeto Ateliê das Possibilidades.

2.4 Sobre estratégias de lidar com minha própria dor

Algumas das lembranças mais fortes da minha infância são de ter visto minha mãe doente. Ela passou por diversas cirurgias que deixaram uma cicatriz grande por toda a extensão abdominal e eu, mesmo criança, era a pessoa que fazia seus curativos. Meu pai e minha avó diziam ter “nervoso” e minha irmã ainda era muito pequena. Anos depois, em 2015, perdi meu pai. Naquela época, eu já estava perto dos 30 anos. Ele se foi segurando minha mão, ou melhor, quando eu soltei sua mão. Eu sabia que era a hora, mas a cada aperto que eu dava em sua mão os batimentos quase zerados voltavam a pulsar, até que soltei num gesto de deixar ir. Eu era a pessoa que estava com ele porque minha família me elegeu como a única que conseguiria passar por isso. Minha cabeça deu um nó e eu fingi frieza, me fiz de forte (como de costume desde a infância) para amparar minha mãe e minha irmã que estavam chegando para receber a notícia. Passei meses chorando escondido delas, em viagens de ônibus indo e voltando da faculdade ou do trabalho na maioria das vezes. Eu precisava lidar com a dor de alguma forma e expressei o que eu estava sentindo na arte. Fiz um trabalho que até hoje é, dos que fiz, o que mais gosto. Fiquei três anos ruminando essas ideias e ele só ficou pronto em 2018. Chamei de “Do teu corpo do meu corpo”. O trabalho passa pela ideia de entender a câmera fotográfica como um palco privado, onde eu poderia encenar e sobrepôr as estratificações temporais e genealógicas, até que ficassem imperceptíveis os limites entre ficção e realidade, mas que deixam vestígios. Até onde seria de fato minha vida e onde estaria começando as narrativas ficções utilizadas como estratégias para lidar com a dor? O texto inserido na imagem não possui objetivo literário, mas sim afetivo, mnemônico. Foi escrito por meu pai em 1999 e encontrado por mim, em uma gaveta no dia seguinte à sua morte, como se ele tivesse deixado para mim uma mensagem de apoio e incentivo. A inserção de imagens por camadas foi pensada dentro da lógica das camadas da fotografia, motivo também da escolha da realização da tripla exposição fotográfica de corpos de gerações de mulheres da minha família - eu, minha mãe e minha irmã - e todas as nossas marcas e cicatrizes, incluindo a deixada pelo parto cesariana do nascimento do meu sobrinho, que aconteceu nove meses após o falecimento do meu pai. A adição posterior dos fragmentos pela costura manual vincula as marcas que passamos a ter gravadas no corpo e a linha aparece

metaforicamente como costura de outro tempo, de quando, na minha infância, minha família tirou seu sustento de uma confecção de roupas. Quanto ao título do trabalho, não necessariamente quis remeter a algum autor, mas sim me apropriar de um fragmento de um poema de Ferreira Gullar como maneira de isentar um pouco de um exagero de subjetividade, como uma tentativa de um certo distanciamento. A arte, foi para mim, naquele momento mais que nunca, expressão, pulsão de vida e remendo das cicatrizes. Abaixo segue uma imagem do trabalho mencionado.

Figura 30 - Trabalho *Do teu corpo do meu corpo*, 93,1 x 64,8 cm.



Autoria: Mariana Pêgas (2018) | Fonte: acervo da Sociedade Fluminense de Fotografia.

3 LIBERDADE

“Quando se viu fora dos muros do hospital, não sabia como sobreviver sem amarras.”⁵⁴

No dia em que me formei em Direito, ganhei um anel em uma caixinha e dentro dela havia um bilhete escrito à mão pelo meu pai que dizia: “*Se pela liberdade, tudo que disseres será verdade.*” Na hora não entendi. Estaria meu pai tentando me ensinar a mentir? Guardei, esqueci e nunca conversamos sobre isso. Quase quinze anos depois, ele já falecido, e eu já artista — e não mais advogada — iniciei uma oficina de “desiniciação” teatral com Amir Haddad. Eu, não-atriz, no primeiro dia tive vontade de fugir, desistir, mas fiquei. Um espaço amplo, colorido, com fantasias e adereços disponíveis pendurados por toda volta, música tocando e o Amir sentado em silêncio. E assim ele permaneceu por muito tempo, tempo que me constrangeu, incomodou. O grupo “Tá na Rua”, que o acompanha, nos estimulou a nos movimentar e ocupar de alguma forma aquele espaço. Eu não sabia o que fazer. O que será que ele esperava de mim? Até que ele pegou o microfone e falou que o pior ator é aquele que não sabe o que fazer com a própria liberdade. Num primeiro momento aquelas palavras não me afetaram, pois como eu não sou atriz, não tinha a mínima pretensão de ser uma boa atriz até que: eureka! Tudo fez sentido. Nem o Amir queria que eu me tornasse uma grande atriz, nem meu pai estava dizendo que eu deveria ser uma boa advogada. Ambos tentaram, cada um à sua forma, me mostrar que possuo uma liberdade e que eu posso fazer o que eu quiser com ela. Isso reverberou em tantos lugares da minha vida e do meu pensamento. Como algo que parecia tão simples poderia ser de tamanha complexidade?

Quanto mais criamos redes de afetos e mais respeitamos os modos de existir no mundo, mais tomamos as rédeas da nossa autonomia. Ou o que Peter Pál Pelbart chamou de “comunidade dos que não têm comunidade,”⁵⁵ ao se referir à Cia de Teatro Ueinzz, composta por “pacientes e usuários de serviços de saúde mental, terapeutas,

⁵⁴ ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2019. p.34.

⁵⁵ PELBART, Peter Pal. *Esquizocenia*. Disponível em [https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/ueinzz.htm] Acesso em 03 de ago. 2022.

atores profissionais, estagiários de teatro ou performance, compositores e filósofos, diretores de teatro consagrados e vidas por um triz. Fundada em 1997 no interior do Hospital-Dia 'A Casa' em São Paulo”

Acreditamos que a arte possa ser um valioso instrumento potencializador de subjetividades e (re)conquista de autonomia e consequente cidadania. Ela favorece que os sujeitos, mesmo aqueles marcados pelo sofrimento e pelo estigma da loucura, ocupem os espaços que desejarem dentro da sociedade.

Para Peter Pál Pelbart, no contexto da Ueinz,zz,

O teatro pode ser um dispositivo, entre outros, para a reversão do poder sobre a vida em potência da vida. Afinal, na esquizocenia a loucura é capital biopolítico. Mas o alcance dessa afirmação extrapola em muito a loucura ou o teatro, e permitiria pensar a função de dispositivos multifacéticos – ao mesmo tempo políticos, estéticos, clínicos – na reinvenção das coordenadas de enunciação da vida. Nas condições subjetivas e afetivas de hoje, com as novas formas de “ligação” e de “desligamento” que caracterizam a multidão contemporânea, e que se deixam ler na “comunidade dos que não têm comunidade”, um dispositivo “minúsculo” como o que apresentamos ressoa com as urgências maiúsculas do presente.⁵⁶

Ao participar das oficinas do Amir Haddad e “Grupo Tá na Rua”, pude experienciar como aquele misto de verdade e ficção, arte e vida, combinado com a troca de afetos, dá voz às subjetividades de cada um, ao mesmo tempo que nos fortalece enquanto coletivo. Inegavelmente produzindo vida e saúde. Nietzsche já defendia que “há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria.”⁵⁷ Amir Haddad leva às últimas consequências o desfazimento das fronteiras entre arte, vida e conhecimento adquirido pelo corpo e pela experimentação, tira a arte de seu espaço legitimador e a leva para a vivência, para a rua, para a praça e para qualquer espaço que o povo esteja. E eu por aqui sigo inebriada por lembranças e em busca de novas vivências, teias, redes, afetos e experimentações — liberdade.

Amir Haddad é um renomado diretor de teatro brasileiro, conhecido por sua abordagem inovadora e engajada na criação de espetáculos teatrais. Sua filosofia teatral é profundamente influenciada pela ideia de que o teatro deve ser uma forma de expressão artística que promove a reflexão, a transformação e o diálogo social.

⁵⁶ PELBART, Peter Pal. Idem.

⁵⁷ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Civilização Brasileira, 1977. p.41.

Amir acredita que o teatro tem o poder de provocar mudanças na sociedade, seja ao levantar questões sociais relevantes, provocar reflexões ou promover a conscientização sobre determinados temas e é conhecido por sua abordagem experimental e inovadora na criação de espetáculos teatrais, sempre em busca de novas formas de contar histórias e envolver o público, utilizando diferentes técnicas e linguagens teatrais. Ele tem um profundo apreço pela cultura brasileira e muitas vezes busca inspiração em temas e elementos da cultura popular brasileira em seus espetáculos, como a cultura religiosa, o futebol e o Carnaval. Ele valoriza a diversidade cultural do país e busca refletir essa diversidade em suas produções, criando espetáculos que estimulam o envolvimento ativo do público, provocando reflexões e diálogos durante e após as apresentações, que são realizadas, em sua maioria, em locais abertos, como praças públicas. Amir está à frente do “Grupo Tá na Rua” desde sua criação, em 1980, e desde então o grupo é reconhecido por sua atuação em espaços públicos, levando o teatro para as ruas, praças e comunidades. Essa escolha estética não apenas amplia o acesso à arte teatral, mas também promove um diálogo direto com o público, muitas vezes de forma improvisada e interativa.

As peças do “Grupo Tá na Rua” frequentemente abordam questões sociais, políticas e culturais contemporâneas, como desigualdade, injustiça, violência urbana, corrupção e direitos humanos. Eles utilizam o teatro como uma ferramenta para provocar reflexões e debates sobre esses temas importantes. O grupo valoriza a linguagem acessível e popular em suas produções, utilizando elementos da cultura brasileira, como música, dança, humor e poesia, para se conectar com diferentes camadas da sociedade e ampliar seu alcance. A maior parte de seu público é de pessoas que vivem nas ruas, muitas com questões de saúde mental. Ao longo de sua história, o “Grupo Tá na Rua” tem sido uma voz de resistência e ativismo, enfrentando censura, repressão e adversidades políticas. Eles defendem a liberdade de expressão e a importância do teatro como uma forma de resistência e luta por justiça social. Além de suas apresentações nas ruas e praças, Amir Haddad e o “Grupo Tá na Rua” também realizam oficinas de teatro na Escola Carioca do Teatro Brasileiro, em sua sede na Lapa - RJ. O primeiro módulo se chama Oficina de “Desiniciação Teatral”,

pois para ele “você precisa abandonar o teatro para aprender o que é isso: o teatro.”⁵⁸
Deixar de lado tudo que se aprendeu sobre o teatro para surgir o “homem vivo”

Os encontros propõem aos participantes um resgate à fisicalidade de um corpo ancestral, brasileiro, popular, disponível, desenvolvendo sempre de forma coletiva a reflexão sobre o uso do espaço, a relação com o outro, o gesto poético, a desconstrução da dramaturgia, e um cidadão capaz de se expressar livremente em todos os espaços, estabelecendo uma disposição não convencional da cena, onde não há distinção entre ator e espectador. Amir Haddad desenvolveu a pedagogia dessa oficina a partir de três pilares: teatro sem arquitetura (o teatro que não depende de um palco, pode acontecer em qualquer espaço como praça e locais abertos), dramaturgia sem literatura (as encenações são feitas por improvisos, a partir de estímulos musicais) e ator sem papel (a cada apresentação cada um pode manifestar o personagem que o desejo te impulsionar), provocando a possibilidade de ir ao encontro de si mesmo, da sua expressão, liberdade e fertilidade. Para ele, isso não é um privilégio do artista, é uma possibilidade e um direito de todo ser humano, de se livrar de seus papéis cotidianos para exercer suas potencialidades e se sentir vivo. Tirar as roupas da ideologia e colocar os trapos velhos da fantasia.

Você não precisa fazer teatro para fazer teatro. Por isso que eu falo: tira a arquitetura do teatro, tira a literatura da da dramaturgia, tira o papel do ator, tira a teatro de todos os lugares e coloca o ser humano ali, em qualquer lugar, se apresentando para todo ser humano, representando, se manifestando, apresentando o seu discurso, aí, se você quiser dar um nome a isso, você pode chamar de TEATRO.⁵⁹

⁵⁸ HADDAD, A. *Amir Haddad de Todos os Teatros*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022. p. 117.

⁵⁹ Ibidem. p. 118.

Figura 31 - Registro da Oficina de *Desiniciação Teatral* com Amir Haddad e Grupo Tá na Rua



Foto: Mariana Pêgas (2022) | Fonte: acervo pessoal.

Figura 32 - Apresentação que fiz com o Grupo Tá na Rua como encerramento de uma das oficinas.



Foto: Marcos Batista (2022) | Fonte: acervo do Grupo Tá na Rua.

Os ensinamentos do Amir Haddad, que parecem ser voltados para o ator, na verdade, são para todos os seres humanos. São fundamentos que ajudam nas relações interpessoais e a promover vida e cidadania.

Não posso imaginar um ator que não tem a menor noção do mundo em que ele vive. O ator deve conhecer sua realidade social, conhecer as pressões a que está submetido, entender qual o teatro que ele vem recebendo como herança e ter uma visão abrangente de si mesmo e do mundo a sua volta. Você romper com os padrões de consumo que nos são impostos é uma atitude política. Para ser ator tem que vencer isso! E quando você destrava essa prisão, você libera seu corpo, sua opinião, sua sexualidade, e você avança na sua cidadania.⁶⁰

Como as apresentações são realizadas em locais públicos, qualquer um que se sinta confortável pode entrar e participar. Estando o ator livre das suas vaidades e estando totalmente presente e disponível para ao imprevisto, quem está assistindo, não consegue distinguir quem ali é ator do grupo, quem é público, nem mesmo se é alguém em situação de rua e ou com sofrimentos psíquicos dentre os que estão em cena.

Não é o papel que faz o ator. O que faz o ator é a liberdade, a sensibilidade, a consciência política, o nível de opinião que ele tem sobre ele, sobre o mundo que ele vive e o teatro que ele quer fazer. Eu me preocupo, então, muito mais com o cidadão do que com o artista. Acho que a arte tem muito mais a ver com cidadania do que com habilidade.⁶¹

Participar das oficinas com Amir Haddad e Grupo Tá na Rua, ajudou na minha formação como arte-educadora e na maneira que passei a lidar com todas as outras pessoas, em especial, com os participantes dos projetos de saúde mental. Passei a estar nos locais como pessoa totalmente disponível para a troca. E participar das apresentações em praça pública, me fez entender melhor sobre a ocupação da cidade, que deve ser feita por todas as pessoas e não só por um grupo privilegiado.

Entendendo o território, segundo o conceito de Milton Santos, como o espaço onde acontecem as ações humanas, o estímulo à prática artística em oficinas que ocupam a cidade, como as apresentadas neste trabalho, pode desempenhar um papel crucial na construção de territórios existenciais. Isso facilita a inserção ou reintegração

⁶⁰ HADDAD, A. *Amir Haddad de Todos os Teatros*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022. p. 82.

⁶¹ Ibidem. p. 84.

social dos participantes, capacitando-os a afirmarem-se como cidadãos em seus próprios territórios.

Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. (...) Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro.⁶²

⁶² SANTOS, Nilton. *Da totalidade ao Lugar*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 137.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos limites do presente trabalho, pretendeu-se traçar um breve panorama sobre a história da saúde mental, abordando a reforma psiquiátrica, suas lutas e seus atravessamentos, de modo a provocar reflexões acerca da importância do trabalho com arte-cultura forma de expressão e estratégia de produção de vida, de subjetividades e de novos lugares sociais. A arte, além do seu inegável potencial terapêutico e de entretenimento, se apresenta como uma potente ferramenta de promoção de vida, autonomia, liberdade e cidadania.

Os resultados que obtivemos até agora nos projetos que desenvolvemos, sejam eles o Projeto Construção de Memórias, Casa Ateliê UERJ e Ateliê das Possibilidades, destacaram a influência positiva das práticas artísticas na reinserção social das pessoas em sofrimento mental. Entendendo como um trabalho sempre em andamento, delineamos que ainda são precisos alguns passos essenciais para aprofundar nosso entendimento e contribuir de maneira mais significativa para a integração dessas práticas na esfera educacional e de saúde mental.

Nosso recorte principal nas oficinas, foi o trabalho com a fotografia, que pôde ser utilizada para que os participantes pudessem se expressar e apresentar sua visão do mundo e do território onde vivem. Através da prática fotográfica, podemos promover uma reconexão com a perspectiva cotidiana dos usuários, entendendo que a desinstitucionalização é um processo que visa estabelecer uma sociedade baseada na cidadania, na liberdade e no respeito às diferenças, valorizando a potencialidade de cada indivíduo.

Dado que a fotografia desempenhou um papel central nas atividades abordadas neste trabalho, optamos por incluir um breve panorama sobre sua utilização na psiquiatria ao explorar a história da loucura. Focamos especialmente nas questões de gênero, utilizando como exemplo a iconografia fotográfica do hospital Salpêtrière, na França do século XIX. Nesse período, o médico psiquiatra Charcot empregou a fotografia como uma ferramenta objetiva para documentar os sintomas da histeria, uma nova condição considerada feminina que ele buscava comprovar. No entanto, acabou por criar uma imagem estereotipada e caricatural das pacientes, retratando-as como mulheres incapazes e emocionalmente instáveis.

Com a reforma psiquiátrica foi possível que projetos de arte-cultura pudessem, articulados com a RAPS, existir fora dos muros das instituições psiquiátricas, abrindo a possibilidade para exploração de novas abordagens que impliquem em adotar novos princípios,

valores e perspectivas em relação às pessoas que enfrentam sofrimento psíquico, o que por sua vez impulsiona formas mais apropriadas de cuidado em relação à loucura, tanto no contexto familiar quanto social e cultural. Esses projetos colaboram com a intermediação desses sujeitos com o mundo social. É importante contemplar os diversos modos de existência das pessoas que enfrentam sofrimento psíquico grave, integrando-os ao contexto urbano da cidade. Em nossos projetos, tentamos desenvolver atividades estruturadas que se encaixassem na dimensão do cotidiano pessoal e social de cada participante, de forma a atender às suas diversas necessidades e respeitar cada limitação.

Os projetos "Construção de Memórias", "Casa Ateliê" e "Ateliê das Possibilidades" compartilham uma abordagem comum ao empregar o fazer artístico como meio de promover a vida e a cidadania e cultivar o cuidado em saúde. Todos eles trabalham com a fotografia, embora o "Construção de Memórias" seja singular por ser exclusivamente focado nessa forma de expressão artística. Porém, é nas diferenças que a singularidade de cada projeto se destaca. O "Casa Ateliê" se diferencia por ser realizado dentro de uma instituição psiquiátrica, envolvendo tanto pacientes internados quanto ex-pacientes visitantes. Por outro lado, o "Construção de Memórias" acontece em uma instituição de fotografia, abrindo suas portas não apenas para os usuários da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), mas também para familiares e profissionais de saúde. Enquanto isso, o "Ateliê das Possibilidades" se destaca por seu foco em indivíduos que passaram pelo processo de desinstitucionalização após a Reforma Psiquiátrica, especialmente aqueles que enfrentam maiores desafios de comunicação, interação social e mobilidade. Este projeto se revela vital ao propiciar oportunidades para essas pessoas reconhecerem a cidade como um espaço onde pertencem e têm voz, mesmo diante das limitações que enfrentam. Assim, embora todos os projetos compartilhem uma missão comum de utilizar a arte para promover a vida e a saúde, suas abordagens específicas refletem as diferentes necessidades e contextos das populações que atendem. Cada um oferece uma contribuição única para o campo da saúde mental e para a inclusão social, reconhecendo a diversidade de experiências e trajetórias dos indivíduos envolvidos.

Ainda que o país tenha avançado bastante em relação aos direitos da pessoa que passa por sofrimento psíquico, ainda enfrentamos desafios, em muitas regiões, na implementação de políticas e iniciativas direcionadas à reinserção social, bem como à criação de alternativas e espaços tangíveis que facilitem a participação dos usuários na vida social e na realização de seus projetos de vida. Isso implica garantir-

lhes o pleno exercício da cidadania, indo além dos serviços de saúde. Nesse contexto, compreendemos que, mesmo que os resultados não sejam imediatamente expressivos, os projetos de arte e cultura desempenham um papel fundamental no fortalecimento da cidadania dos usuários dos serviços de saúde mental. Tais iniciativas capacitam esses indivíduos a conquistar uma maior autonomia para desfrutar plenamente da cidade, conforme seu direito.

Pudemos notar como alguns usuários da RAPS diariamente confrontam os limites da lógica manicomial e desenvolvem estratégias de enfrentamento, a título de exemplo, podemos mencionar Pedro, um dos participantes do Projeto Construção de Memórias. Devido à sua necessidade de acompanhante para utilizar a gratuidade no ônibus, e considerando que seus familiares estão ocupados com o trabalho, ele sai de casa com bastante antecedência para garantir que consiga convencer alguém no ponto de ônibus a acompanhá-lo até a passagem na roleta. Isso revela que o processo de reinserção é possível, apesar das limitações ainda presentes.

O estímulo à prática artística em oficinas que ocupam a cidade, a exemplo das que apresentamos neste trabalho e nas atividades comentadas sobre a prática do dramaturgo Amir Haddad e seu Grupo Tá na Rua, pode desempenhar um importante papel na construção de territórios existenciais, facilitando a inserção ou reintegração social dos participantes, capacitando-os a se afirmarem como cidadãos em seus territórios. Estamos falando não apenas de adaptação à ordem estabelecida, mas de criação de outros lugares sociais onde a diferença é respeitada em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, P. (coord.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.
- AMARANTE, P. (coord.). *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996. 5. reimpr. 2016.
- AMARANTE, P. (coord.). *Loucura e transformação social: autobiografia da Reforma Psiquiátrica no Brasil*. São Paulo: Zagodoni Editora, 2021.
- AMARANTE, P.; TORRE, E. H. G. De volta à cidade, sr. cidadão! — reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, RJ, v. 52, n. 6, p. 1090–1107, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/77389>. Acesso em: 9 nov. 2023.
- ARBEX, D. *Holocausto brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2019. p.34.
- DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: N°1 edições, 2015.
- ASSIS, Machado de. *O Alienista*. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Vol. II, Conto e Teatro. Organizada por Afrânio Coutinho. 4. ed. il. Rio de Janeiro: 1979. Editora Nova Aguilar.
- BIRMAN, Joel. *A cidadania tresloucada: notas introdutórias sobre a cidadania dos doentes mentais*. In: BEZERRA JR., Benilton; AMARANTE, Paulo. *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992. p. 71-90.
- DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: N-1 edições, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015 [1982].
- FIRMINO, Hiram. *Nos porões da loucura*. Rio de Janeiro: CODECRI, 1982.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FOUCAULT, M. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- HADDAD, A. *Amir Haddad de Todos os Teatros*. C. Mendes e G. Gasparini (org.). Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- LOUKO, Jorge. *Tu tá doido? louco?* Disponível em: <https://tutadoidolouco.blogspot.com/>. Acesso em: 09 set. 2023

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.

MELO, W.; FERREIRA, A.P. (org.) *A sabedoria que a gente não sabe*. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2011.

PELBART, P. P. *Esquizocenia*. Texto do livro *Vida Capital: Ensaio de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PELBART, P. P. *Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SAÚDE PÚBLICA, 13., 2013, São Paulo. Anais [...].* [São Paulo: Associação Paulista de Saúde Pública, 2013]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/SBMnsjPgX7Q5mzDWdnhLQ6D/abstract/?lang=pt> Acesso em: 29 fev. 2024.

PEREGRINO, N. F.; MAGALHÃES, A. *Fotoclubismo no Brasil – O legado da Sociedade Fluminense de Fotografia*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.

PESSOTI, I. *O século dos manicômios*. São Paulo: Ed. 34, 1996. 1. Reimpr. 2001.

RATTON, H. *Em nome da razão*. Belo Horizonte: Quimera filmes; 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/@QuimeraFilmes>. Acesso em: 09 set. 2023.

ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da loucura*. Tradução de Elaine Sartorelli. São Paulo: Hedra, 2013.

Shakespeare, William. *Rei Lear*. Tradução de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2020.

SILVEIRA, N. da. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2018.

SILVEIRA, N. da. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992.

WANDERLEY, L. *O dragão pousou no espaço: arte contemporânea, sofrimento psíquico e o objeto relacional de Lygia Clark*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

WANDERLEY, L. *No silêncio que as palavras guardam*. Kaira M. Cabañas (org.). São Paulo: n-1 edições, 2021.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

BRASIL. Lei Federal nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 07 jul. 2015. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Lei Federal nº 10.708, de 31 de julho de 2003. Institui o auxílio-reabilitação psicossocial para pacientes acometidos de transtornos mentais egressos de internações. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 ago. 2003. Seção 1, p. 3.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Nota Técnica No 11/2019-CGMAD/DAPES/SAS/MS. Assunto: Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas*. Brasília, 4 fev. 2019.